

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA**

**REFLEXÕES SOBRE TEMPO E ASPECTO NAS LÍNGUAS  
PORTUGUESA E ESPANHOLA**

**CURITIBA  
2001**

TÂNIA LAZIER GABARDO

REFLEXÕES SOBRE TEMPO E ASPECTO NAS LÍNGUAS  
PORTUGUESA E ESPANHOLA

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção de grau de Mestre em Letras, Curso de Pós-Graduação em Lingüística da Língua Portuguesa, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Professora Doutora Elena Godói

**CURITIBA**  
**2001**

## AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Elena Godói, pela orientação, pelas sugestões e, principalmente, pelo incentivo constante.

Ao meu pai, que me mostrou que o estudo e a pesquisa são fontes de prazer.

À minha mãe, por seu amor imenso e incondicional.

Às minhas filhas, Gabriela e Marcella, pelo carinho e compreensão.

Ao meu marido Rossano, pela enorme paciência.

A CAPES, pelo apoio financeiro.

## ÍNDICE

Resumo.....	2
Abstract .....	3
Introdução .....	4
<b>1. Abordagens Universais do Tempo e Aspecto .....</b>	<b>7</b>
1.1 Aristóteles (1048).....	8
1.2 Reichenbach (1947).....	8
1.3 Vendler (1967).....	11
.....	15
1.4 Dowty ( 1979 ).....	15
1.5 Comrie (1976).....	17
1.6 Bonomi ( 1997).....	18
<b>2 O Tempo e o Aspecto na Língua Portuguesa.....</b>	<b>29</b>
2.1 Gramáticas Tradicionais.....	29
2.2 Linguistas Modernos.....	30
2.2.1 Castilho (1967 ).....	30
2.2.2 Back & Mattos (1972).....	32
2.2.3 Travaglia (1985).....	35
2.2.4 Mira Mateus et al (1983).....	38
2.2.5 Ruiz (1992).....	40
2.2.6 Godoi (1992).....	41
2.2.7 Ilari (1996) .....	44
<b>3. O Estudo do Tempo e do Aspecto em Espanhol.....</b>	<b>54</b>
3.1 Moreno de Alba (1978).....	56
3.2 Silva-Corvalán (1983) .....	65
3.3 Rojo (1990).....	69
3.4 Acero (1990).....	73
3.5 Veiga Rodríguez (1996).....	81
3.6 Rojo e Veiga (1999) .....	84
<b>4. Reflexões para a Comparação Tempo/Aspecto em Português e Espanhol 91</b>	
4.1 Scott(1995).....	92
4.2 A Tabela da Gramática Descritiva de la Lengua Española - organizada por Bosque e Demonte.....	99
4.3 Mais reflexões e modificações.....	125
Após essas modificações, acrescentamos ao quadro de Scott as classes aspectuais, pois são elas que determinam os valores aspectuais. Confira o resultado:.....	129
Considerações Finais.....	130
Referências Bibliográficas.....	132

## Resumo

Esta dissertação trata da apresentação de algumas das principais teorias a respeito do aspecto verbal com base em alguns autores de língua inglesa, portuguesa e espanhola.

O objetivo principal deste estudo é o de focalizar as categorias de tempo e aspecto numa perspectiva contrastiva entre as línguas portuguesa e espanhola.

Para tanto, desenvolvemos um estudo composto de quatro capítulos. No primeiro apresentamos os autores considerados mais influentes, que tratam de teorias temporais e aspectuais, de modo geral. No segundo, temos os principais estudos da categoria aspecto em português. No terceiro são apresentadas as abordagens sobre tempo e aspecto em língua espanhola.

Finalmente, no último capítulo, em um primeiro momento analisamos um estudo contrastivo entre as línguas portuguesa e espanhola, num segundo momento analisamos uma série de testes para a determinação da classe aspectual de verbos em espanhol, e por fim, apresentamos uma proposta contrastiva entre dois tempos verbais do português e do espanhol.

## Abstract

This dissertation presents some of the main theories on verbal aspect based on some authors of English, Portuguese and Spanish languages.

The main objective of this study is to focalize the categories of time and aspect in a comparative perspective between Portuguese and Spanish.

So, we developed a study composed by four chapters. In the first we presented the most representative authors who deal with temporal and aspectual theories in general. In the second, we have the main studies of the aspect category in Portuguese. In the third we presented the approaches on time and aspect in Spanish.

Finally, in the last chapter, in a first moment we analyzed a comparative study between Portuguese and Spanish, in a second moment we analyzed a series of tests for the determination of the aspectual class of verbs in Spanish, and finally, we proposed a comparison between two tenses of Portuguese and Spanish.

## Introdução

O objetivo deste trabalho é realizar um estudo contrastivo entre as línguas portuguesa e espanhola focalizando, como objeto, as categorias tempo/aspecto.

Estudos contrastivos entre essas duas línguas se fazem cada vez mais necessários, pois cada vez aumenta mais, por vários fatores, o interesse no ensino-aprendizagem da língua espanhola por falantes brasileiros e vice-versa.

Começamos nosso trabalho com um breve histórico das teorias universais que mais influenciaram e influenciam, ainda hoje, os estudos relacionados ao tempo e ao aspecto verbal.

Nosso histórico será breve, porque são inúmeras as análises que foram realizadas tendo como base essas teorias.

Os teóricos que consideramos fundamentais para o desenvolvimento de uma análise aspecto-temporal são os seguintes:

ARISTÓTELES que foi o precursor da distinção entre as classes aspectuais dos verbos.

REICHENBACH, que em seu famoso livro “Elements of Symbolic Logic” (1947), desenvolveu um sistema temporal aplicado ao inglês, mas que, em princípio, foi considerado universal, e serviu (e serve até hoje) de base para muitos estudos posteriores.

VENDLER, que propôs uma classificação quadripartita para as classes aspectuais e também motivou e motiva muitos estudos.

DOWTY que, partindo de Vendler e dos trabalhos da semântica gerativa, apresenta uma análise das classes aspectuais baseada na ‘decomposição lexical’.

COMRIE que discute o conceito de 'aspecto' e os conceitos relacionados com esta categoria. Seu trabalho é antológico, E sua definição do termo aspecto é uma das mais aceitas pelos lingüísticos brasileiros.

BONOMI, que apresenta uma tentativa de formalização do aspecto com base na quantificação de eventos. Por ser um trabalho recente (1997), que nos seduziu, a princípio, e gerou inúmeras reflexões, resultou em texto bastante longo.

Em um segundo momento, fazemos um levantamento de alguns trabalhos que discutem o aspecto em língua portuguesa.

Como veremos, as teorias universais são inadequadas para aplicação nas línguas românicas, por terem sido desenvolvidas tendo como base a língua inglesa que se comporta de maneira bastante diferente na questão tempo/aspecto. Ao mesmo tempo, as teorias desenvolvidas em língua portuguesa apresentam um panorama bastante heterogêneo. Algumas teorias seguem a linha anglo-saxônica, outras seguem a linha eslava, e muitas vezes os próprios teóricos não conseguem definir qual é o paradigma que seguem.

Neste levantamento do estudo do aspecto em português que fizemos, além do que apresentam as gramáticas tradicionais, temos os seguintes autores:

CASTILHO, que foi o precursor do estudo do aspecto em língua portuguesa.

TRAVAGLIA, que, seguindo a linha eslava, faz um estudo bastante detalhado do aspecto em língua portuguesa.

MIRA MATEUS et al também fazem um estudo bem detalhado do aspecto em língua portuguesa, mesclando conceitos do paradigma eslavo-germânico com o anglo-saxônico.

BACH & MATTOS, que apresentam um estudo do tempo/ aspecto do ponto de vista estruturalista.



RUIZ, que, baseada em Bach & Mattos, apresenta sua versão do aspecto em língua portuguesa.

ILARI, que fez vários estudos sobre as questões tanto de tempo como de aspecto verbal no português.

GODOI apresenta uma teoria que, baseada na classificação vendleriana, na noção de intervalo e de end-points e levando em conta o valor de alguns advérbios, se mostra bastante inovadora para o tratamento do tempo/aspecto em todas as línguas.

A seguir fazemos a análise de alguns trabalhos sobre o tempo e o aspecto realizados em língua espanhola. Como em língua portuguesa, os trabalhos em língua espanhola são todos recentes. Os estudos que vimos são os seguintes:

MORENO DE ALBA, com base no estruturalismo e nas idéias de Reichenbach, apresenta esquemas para a classificação do verbo espanhol, de acordo com o tempo verbal, o aspecto verbal e a relação de dependência de uma forma verbal com relação a outra.

SILVA CORVALÁN, para quem o aspecto é o resultado de uma combinação entre semântica e pragmática, se propõe a investigar a distribuição do tempo e do aspecto na narrativa oral do espanhol.

ACERO faz uma análise das idéias de Reichenbach, as aplica ao espanhol e ressalta a importância de, numa análise do comportamento verbal, ser fundamental se levar em conta as diferenças semânticas existentes entre os verbos.

ROJO parte de Reichenbach e constrói um sistema hierárquico, que leva em consideração o tempo e o aspecto verbal, para explicar as diferenças de comportamento das diferentes formas verbais.

VEIGA RODRÍGUEZ trata o aspecto dentro de uma concepção estruturalista, não o considera uma categoria e afirma que as diferenças apontadas por vários autores como aspectuais, não passam de diferenças temporais.

Por fim temos um texto conjunto, publicado em 1999, de ROJO E VEIGA RODRÍGUEZ. Seguindo a linha teórica do trabalho anterior de Rojo, neste estudo os autores praticamente repetem o sistema desenvolvido por Rojo em seu trabalho anterior.

A seguir, discutiremos um estudo contrastivo entre os aspectos verbais nos tempos 'pretérito perfeito composto' e 'pretérito perfeito simples' do português e 'pretérito perfecto compuesto' e 'antepresente' do espanhol, realizado por Scott. Também analisaremos uma tabela, publicada numa gramática espanhola recente (que não conseguimos ter em mãos), que aplica alguns testes, desenvolvidos por Dowty para a língua inglesa e aplicados por vários autores à língua inglesa e a outras línguas também, para a determinação da classe aspectual a que pertencem os verbos. O que nos despertou a atenção foi o fato de esses testes serem aplicados à língua espanhola, o que constitui uma inovação, pois ninguém ainda tinha realizado um estudo desse tipo.

## 1. Abordagens Universais do Tempo e Aspecto

Muitos são os estudos que tratam do tempo e do aspecto realizados nos últimos tempos. Muitos, também são os trabalhos que trazem análises baseadas nas teorias que mais influenciaram e influenciam os estudos recentes. Por esse motivo, faremos um breve histórico sobre os autores que nos pareceram mais influentes dentro da perspectiva que adotamos.

### 1.1 Aristóteles (1048)

A tradição do estudo do aspecto começa com Aristóteles (Metafísica; IX 1048). Ele distingue duas classes aspectuais: verbos-estado e verbos-processo; e subdivide os verbos-processo em movimentos (Kínesis) e atualidades (enérgia). Essa noção desenvolvida por Aristóteles vai servir de base para os estudos posteriores sobre o aspecto verbal. Mas, por um acidente histórico, os alexandrinos e a tradição greco-latina introduziram na análise gramatical, os termos “perfeito” e “imperfeito”, que não são mais que a tradução dos termos latinos “perfectum” (completo) e “infectum” (incompleto), criando uma confusão entre os conceitos de passado, presente e futuro, por um lado, o perfeito e o imperfeito por outro e o tempo e o aspecto para todas essas formas verbais.

### 1.2 Reichenbach (1947)

Reichenbach constrói um sistema temporal que aplica ao inglês e que, a princípio, é entendido como universal. Em seu sistema, ele introduz, além do S (ponto de fala) e do E (ponto de evento), que já apareciam nas gramáticas tradicionais, um terceiro ponto, que ele acredita ser fundamental para estabelecer uma formulação adequada para as formas verbais, que é o R (ponto de referência).

Reichenbach define os vários tempos a partir das diferentes combinações desses três pontos. De acordo com Reichenbach, as configurações para o inglês seriam as seguintes (Reichenbach, 1947):

E-R-S	I had done it	past perfect
E,R-S	I did it	simple past
R-E-S		
R-S,E	I would do it	conditional
R-S-E		
E-S,R	I have done it	present perfect
S,R,E	I do it	present
S-E-R		
S,E-R	I will have done it	future perfect
E-S-R		
S,R-E		
S-R,E	I will do it	future
S-R-E		

Nesse esquema, o traço significa anterioridade e a vírgula, simultaneidade. O ponto S é fixo e é a partir dele que se ordenam os demais. O ponto R, que é crucial

para a caracterização das relações entre os três pontos, não é bem definido por Reichenbach: é algum tempo dado pelo contexto e difícil de interpretar.

O sistema reichenbachiano não pode ser considerado universal porque não dá conta de tempos como o imperfeito do português e o imperfecto do espanhol, que têm similares em todas as línguas românicas, e que não encontra uma representação adequada nesse esquema. Como no inglês só há o simple past que corresponde aos dois pretéritos, comuns a todas as línguas latinas, só há uma representação possível para eles, mas é visível que eles não podem corresponder a uma mesma representação. Acero (1990) já apontou alguns problemas da aplicação do sistema de Reichenbach à língua espanhola, que são pertinentes também para a língua portuguesa, como veremos mais adiante.

Um problema difícilimo e talvez insolúvel em relação à teoria de Reichenbach é a questão da aplicação das mesmas regras para os tempos simples e compostos de auxiliar e verbo principal, pois o status morfossintático se repete nas formas compostas, conjugando as informações semânticas de cada uma das formas verbais envolvidas.

Em relação a isso, Comrie (1985) observa que os tempos absolutos (do inglês: presente, passado e futuro) não precisam de ponto de referência para ser caracterizados adequadamente. Segundo o autor, os significados temporais dos tempos verbais são atribuídos pelo contexto.

Declerck (1986) não concorda com essa visão ampla e simplificada e afirma que o passado não localiza apenas um evento em um momento anterior à fala, mas se refere a uma situação temporal antes do momento da fala.

Outro problema do sistema é a representação do progressivo, formas que possuem uma informação adicional em relação à duração do evento. Embora

Reichenbach considere esses tempos como representando eventos estendidos, ele não leva essa noção de extensão para o R ou para o S, conforme a citação a seguir:

In some tenses, an additional indication is giving concerning the time extension of the event. The English language uses the present participle to indicate that the event covers a certain stretch of time.

(...) The extended tenses are sometimes used to indicate, not duration of the event, but repetition. Thus we say 'women are wearing larger hats this year' and mean that is true for great many instances. Whereas English express the extend tense by the use of the present participle, other languages have developed special suffixes for this tense. (REICHENBACH, 1967: 290 – 291)

Percebemos aqui, a necessidade de se inserir a noção de intervalo de tempo, defendida por Dowty (1979), Comrie (1985) e Declerck (1986) que resolveria os problemas com o progressivo já citados pelo próprio Reichenbach. De qualquer maneira, apesar de apresentar vários problemas, o trabalho de Reichenbach se destaca por representar um grande passo, que serviu e serve de base para lingüistas até hoje.

### 1.3 Vendler (1967)

Vendler, tentando descobrir o comportamento dos verbos dentro de certos tempos cronológicos e considerando o verbo um lexema atemporal, propôs uma classificação dos verbos em quatro categorias: estados, atividades, accomplishments e achievements.

Essa classificação de Vendler está baseada na proposta de Kenny (1963), que, seguindo a classificação de Aristóteles, propõe três classes aspectuais, caracterizando uma classificação tripartita, como segue:

Estados_____	Atividades_____	Performances
	(kínesis)	(enérgeia)

A classificação de Vendler, baseada na proposta de Kenny, divide performance em accomplishment e achievement, por apresentarem diferentes comportamentos, representando categorias que estão situadas no mundo como nós as percebemos e conhecemos.

As características das classes aspectuais de Vendler são as seguintes:

**Atividades** – têm duração temporal indefinida, não envolvem culminância ou resultado antecipado e são homogêneos, ou seja, se um VP atividade é verdadeiro para um determinado intervalo de tempo, será verdadeiro para qualquer um dos subintervalos desse intervalo, ex.: *correr, andar, nadar, etc.*

**Estados** – ocorrem ao longo da linha do tempo e sem um ponto terminal, não são considerados ação, não constituem mudanças, são homogêneos, ex.: *amar, ter, querer, desejar, odiar, etc.*

**Achievements** – envolvem instantes temporais únicos e definidos, são heterogêneos, isto é, o valor de verdade de sua totalidade não pode se estender para suas partes. Ex.: *alcançar o topo, começar, parar.*

**Accomplishments** – têm duração intrínseca, são heterogêneos, ex.: *desenhar um círculo, pintar um quadro*. Geralmente são representados por sintagmas verbais e possuem um ponto terminal que pode ou não ser alcançado.

Para mostrar algumas características compartilhadas por essas categorias, Vendler utilizou alguns testes e critérios.

Uma das distinções que o autor fez foi separar estados e achievements como pertencentes a um gênero e atividades e accomplishments pertencentes a outro. O critério usado para isso foi o fato de, segundo ele, os verbos-estado, assim como os verbos-achievement não admitirem o progressivo. Mas esse é um critério que, se aplicado ao português ou ao espanhol, não funciona, pois verbos estado como *ser, estar* e muitos outros, nessas e em outras línguas românicas, admitem o progressivo, confira:

(1.3.1) *Estou querendo viajar no Natal.*

(1.3.2) *Maria está amando as demonstrações de carinho de João.*

. (1.3.3) *A cada día Juan está queriendo más a María.*

(1.3.4) *Estoy odiando la idea de ir a la fiesta.*

O mesmo ocorre com os verbos achievement, ex:

(1.3.5) - *Chame um médico que João está morrendo.*

(1.3.6) *Maria está resolvendo o problema.*

(1.3.7) *Los turistas están descubriendo la ciudad.*

(1.3.8) *Juan está empezando la investigación.*



O que acontece na verdade, e que já foi apontado por Morelato (1981) e por Comrie (1976), é que, tanto os verbos-estado como os verbos-achievement, nessas situações, assumem a função de verbo-atividade, no sentido de que a ação se torna um evento iterativo.

Para diferenciar atividade de accomplishment, Vendler estabelece que accomplishment ocorre com a expressão *em x tempo*, enquanto que atividade, com *durante x tempo*. O que em português, espanhol e em outras línguas românicas, também não funciona:

(1.3.9) *João pintou o quadro em duas horas.*

(1.3.10) *João pintou o quadro durante duas horas.*

(1.3.11) *El albañil construyó el muro en dos horas.*

(12) *El albañil construyó el muro durante dos horas.*

Ou se poderia dizer que na primeira oração o VP pintar um quadro é um accomplishment e no segundo uma atividade? Como já foi argumentado em Godoi (1992), o accomplishment, pelo menos nas línguas românicas, só pode existir no pretérito perfeito; mais ainda, um VP com objeto direto no pretérito perfeito não garante que ele seja um accomplishment, poderá ser também uma atividade, o que faz com que esses VPs apresentem a característica da homogeneidade, ou seja, sejam verdadeiros para qualquer subintervalo.

Vendler se propõe a fazer uma classificação dos verbos, mas acaba por gerar também uma listagem cheia de exceções, com uma gama de verbos homônimos que se encaixam em várias categorias.

#### 1.4 Dowty ( 1979 )

Dowty mantém a classificação aspectual de Vendler, mas busca aquilo que se encontra na estrutura profunda da semântica gerativa para dar um caráter universal ao seu trabalho. Este autor desenvolve a idéia de que as diferenças entre as classes verbais podem ser explicadas pela presença dos operadores abstratos CAUSE, BECOME, DO, e outros, e tenta formalizar a divisão entre os verbos estado e atividade de um lado e verbos accomplishment e achievement de outro. Como a noção de predicado estativo é um primitivo na teoria de Dowty, no cálculo das outras classes aspectuais entram os operadores DO para as atividades, CAUSE para as atividades e accomplishments e BECOME para os achievements e os accomplishments.

Dowty estabelece formas lógicas para as classes aspectuais;

Para as atividades;

[  $\phi$  DO [ CAUSE  $\psi$  ] ]

Para os accomplishments:

[  $\phi$  CAUSE [ BECOME  $\psi$  ] ]

No progressivo, os accomplishments terão a forma lógica com o operador PROG :

[ PROG [  $\phi$  CAUSE [ BECOME  $\psi$  ] ]

Mas, as sentenças com os accomplishments no progressivo como:

(1.4.1) *João estava desenhando um círculo*

constituem para Dowty o que ele denomina de “paradoxo do imperfectivo”, pois elas não implicam obrigatoriamente um resultado: é impossível precisar se o desenho do círculo se concretizou ou não. Para dar conta desse “paradoxo”, ele recorre aos mundos possíveis. Assim, em alguns desses mundos, o que está sendo afirmado na sentença chegará a seu resultado.

Esse problema do “paradoxo” também envolve os achievements, que têm a seguinte forma lógica;

[ BECOME  $\phi$  ]

Declerck(1986) resolve esse “paradoxo”, recorrendo à noção de *bounded (limitada)/unbounded (ilimitada)*, testada através da co-ocorrência com os advérbios do tipo *em uma hora/durante horas* respectivamente. Então, as sentenças que não admitirem advérbios como *em uma hora*, não representarão um VP limitado e, portanto, não serão accomplishments. No português e no espanhol, essas noções de *bounded/unbounded* serão representadas por verbos no pretérito perfeito (*bounded*) e por verbos no pretérito imperfeito e no progressivo (*unbounded*), ex. :

(1.4.2) *João desenhou um círculo (em uma hora)*

(1.4.3) *João está desenhando um círculo (durante uma hora)*

(1.4.4) *Juan dibujó un círculo (en una hora)*

(1.4.5) *João desenhava um círculo (durante uma hora)*

(1.4.6) *Juan está dibujando un círculo (durante una hora)*

(1.4.7) *Juan dibujaba un círculo (durante una hora)*

As sentenças (1.4.1) e (1.4.4) implicam numa culminância, ou seja, são VPs accomplishment, enquanto que as sentenças (1.4.2), (1.4.5), (1.4.6) e (1.4.7) não implicam numa culminância, são consideradas atividades.

### 1.5 Comrie (1976)

Em sua proposta, Comrie discute o conceito de aspecto verbal e conceitos relacionados a essa categoria e apresenta sinteticamente algumas abordagens teóricas, exemplificando-as através de dados obtidos de várias línguas.

Este trabalho de Comrie é considerado um dos mais importantes pelos lingüistas brasileiros, sua definição de aspecto é a mais aceita por todos eles:

Aspects are different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation. (Comrie; 1976 : 3)

Para Comrie, a categoria tempo é dêitica, ou seja, o tempo de uma situação descrita refere-se a um outro tempo (momento da fala). O aspecto é uma categoria

não-dêitica, pois se refere à situação em si, e pode ser perfectivo, imperfectivo ou perfeito.

Comrie propõe uma teoria de tempo diferente da de Reichenbach, pois considera necessários apenas dois pontos temporais ( o tempo de fala (S) e o tempo de evento (E) ) e as relações de simultaneidade, anterioridade e posterioridade para representar os três tempos absolutos – presente, passado e futuro.

O autor também distingue as noções de habitualidade, continuidade e progressividade como subdivisões do imperfectivo, relacionando também os conceitos de situações durativas e pontuais: as primeiras são conceituadas como estativas e as segundas como dinâmicas. Além disso, Comrie opõe os verbos télicos aos verbos atélicos.

Apesar de Comrie apresentar apenas os conceitos que abrangem sua linha teórica, sem a pretensão de apresentar um conjunto de parâmetros, este estudo influenciou a definição de aspecto e seus conceitos serviram de modelos quantitativos usados pelos estruturalistas para estabelecer a combinatória dos aspectos.

#### 1.6 Bonomi ( 1997)

Bonomi propõe uma formalização para a quantificação de eventualidades que daria conta da especificidade aspectual das línguas românicas.

A proposta de Bonomi consta de duas inovações :

- a) diferentes formas aspectuais são explicitamente relacionadas com diferentes tipos de quantificação sobre eventualidades.
- b) a quantificação sobre eventualidades explicita a natureza de relações temporais entre eventualidades.

Bonomi, analisando as estruturas com QUANDO no pretérito ( em italiano, que, sem grandes problemas, traduzimos para o português), explora as possibilidades combinatórias dos valores aspectuais:

( 1.6.1 ) *Quando Proust instalou-se no Grande Hotel, tinha uma secretária particular.*

( 1.6.2 ) *Quando Proust instalava-se no Grande Hotel, teve uma secretária particular.*

( 1.6.3 ) *Quando Proust instalou-se no Grande Hotel, teve uma secretária particular.*

( 1.6.4 ) *Quando Proust instalava-se no Grande Hotel, tinha uma secretária particular.*

Há, em cada tempo, uma caracterização diferente de relações temporais entre as eventualidades descritas pela sentença com QUANDO e pela sentença principal.

Quando não há coincidência temporal entre os verbos da subordinada e da principal, a sentença que contém a eventualidade denotada pelo verbo de valor aspectual imperfectivo inclui a eventualidade denotada pela sentença com verbo de valor aspectual perfectivo. Na verdade, (1.6.2) parece pouco aceitável, pelo menos em português, mas a mesma combinação com outros tipos de verbos é bem possível:

( 1.6.5 ) *Quando cantava, Leo teve um ataque cardíaco.*

Quando os verbos da sentença com QUANDO e da principal têm valor aspectual perfectivo, as eventualidades denotadas por ambas são temporalmente coincidentes ou a segunda eventualidade pode ser interpretada como seguindo a primeira. O que determinará qual das duas possibilidades será mais adequada será a semântica (lexical) dos verbos. O exemplo (1.6.3) de Bonomi possibilita a leitura de coincidência temporal, mas se tivermos:

( 1.6.6 ) *Quando o avião caiu eu estive no local.*

existe a possibilidade de uma leitura de seqüência temporal, enquanto em

( 1.6.7 ) *Quando meu filho nasceu, estive na maternidade* ( ex. de Oliveira; 1999)

não existe a mais remota possibilidade de coincidência temporal, tanto que uma sentença como essa é mais aceitável quando dita por um homem-feliz-pai-do-filho-que-nasceu relatando sua visita à maternidade posterior ao nascimento do bebê .

Ainda, segundo Bonomi, quando os verbos da sentença com QUANDO e da principal têm valor aspectual imperfectivo, a sentença com QUANDO funciona como uma adverbial temporal, propiciando a leitura habitual e cancelando a quantificação existencial:

( 1.6.8 ) *Cada vez que ( =sempre que)Proust instalava-se no Grande Hotel, tinha uma secretária particular.*

Usando o símbolo  $\subseteq$  para expressar a inclusão temporal entre eventualidades,  $\supseteq$  para a relação inversa e  $> <$  para coincidência temporal, e assumindo que  $E_1$  e  $E_2$  são eventualidades denotadas pela sentença com QUANDO e pela sentença principal respectivamente, tem-se o seguinte paradigma:

QUANDO	Oração principal	Relação temporal
Perfectivo	Imperfectivo	$\subseteq$
Imperfectivo	Perfectivo	$\supseteq$
Perfectivo	Perfectivo	$> <$
Imperfectivo	Imperfectivo	$> <$

Bonomi lembra das idéias de Kamp e Rohrer (1983), que recorrem ao traço aspectual PROG, que serviria para marcar o contraste entre pontual e durativo, e que “decide” quando a sentença será interpretada como introduzindo um evento ou um estado. O pretérito perfeito seria caracterizado com o valor  $-PROG$ , e pretérito imperfeito com o valor  $+PROG$  – se  $+PROG$  está presente, a eventualidade introduzida pela sentença é um estado (durativo), no caso de  $-PROG$  o que é introduzido é um evento (pontual). Observe-se que, levando ao pé da letra a proposta de Kamp e Rohrer, teremos obrigatoriamente os estados no pretérito imperfeito, o que, obviamente, é falso. Diga-se de passagem que Kamp continua insistindo nessa idéia que fundamenta o tratamento do aspecto na DRT (cf. Kamp e Reyle; 1993).

Bonomi busca a solução na quantificação. Nesse modelo a quantificação pode ser reconstruída, em geral, como uma relação de segunda ordem, uma relação entre conjuntos.



A fórmula geral seria :  $REL_{quant}([ ]_R, [ ]_M)$

Nesse esquema,  $[ ]_R$  ( a sentença restritiva ) especifica a propriedade que identifica um conjunto de objetos, e  $[ ]_M$  ( a sentença principal ) especifica a propriedade que é atribuída para esses objetos.

A extensão natural disso nos leva a uma referência contextual – conceito não definido por Bonomi - que restringe a implicação (ou significação) da quantificação para uma subparte de um dado universo. A referência ao background pretendido (que pode ser sugerido pelo contexto) exerce um papel essencial na dinâmica da quantificação. Se esse papel é explicitado por uma forma lógica, o resultado é:

$[ ]_B : REL_{quant}([ ]_R, [ ]_M)$

Nessa nova estrutura,  $[ ]_B$  ( a sentença background ) introduz uma referência para o segmento relevante do universo, no qual dois outros conceitos ou conjuntos precisam ser individualizados. Os três elementos mais importantes da estrutura da quantificação coincidem respectivamente com a sentença background, a sentença restritiva e a sentença principal.

Aqui, Bonomi chama nossa atenção para dois pontos, repare nas orações abaixo:

( 1.6.9 ) *Quando (sempre que) o porteiro me via, abria a porta.*

( 1.6.10 ) *( Numa situação especial ) Quando o porteiro me viu, abriu a porta.*

A única diferença entre (1.6.9) e (1.6.10) é a aspectual. A partir dessa observação Bonomi deduz que ambas as sentenças têm o mesmo tipo de forma lógica, o que muda é apenas a relação de quantificação, que é representada por  $REL_{todo}$  e  $REL_{alguns}$ . Nos exemplos a subordinada e a sentença principal concordam

no valor aspectual, perfectivo na primeira e imperfectivo na segunda, e esse fato pode ser visto como uma manifestação sintática de um operador default que relaciona as duas sentenças, que teriam as seguintes formas lógicas :

para (1.6.9):

$$\forall e ( [ \text{Cont}_{(e)} \wedge \text{o-porteiro-me-vê}_{(e)} ]_R \rightarrow [ \exists e' ( \text{o-porteiro-abre-a-porta}_{(e)} \wedge \succ ( e, e' ) ) ]_M )_e$$

e para (1.6.10):

$$\exists e ( [ \text{cont}_{(e)} \wedge \text{o-porteiro-me-vê}_{(e)} ] \wedge [ \exists e' ( \text{o-porteiro-abre-a-porta}_{(e)} \wedge \succ ( e, e' ) ) ]_M ]$$

Bonomi lembra que uma solução alternativa seria adotar, o operador GEN (postulado por Carlson; 1979) no lugar do quantificador universal. A vantagem disso seria que uma sentença como (1.6.9) pode ser verdadeira se há casos nos quais o porteiro não abre a porta quando me vê, porque o quantificador genérico permite essas exceções e não requer a restrição de eventualidades para neutralizar o contra-exemplo. A interpretação mais natural para essa sentença, não é o fato de o porteiro ter me visto, no passado, e aberto a porta, mas a existência de um período de tempo no passado, salientado pelo contexto, no qual sempre que o porteiro me viu, abriu a porta.

Construções com QUANDO da mesma morfologia imperfectiva (ou perfectiva), ambas na sentença principal, marcam a existência de um operador não realizado foneticamente. PF e IPF são operadores que têm a função de mapear QUANDO-abstratos dentro de temporais abstratos descrevendo um intervalo no qual

alguma (ou toda ) eventualidade  $e$  tem um certo tipo particular de relação temporal com uma eventualidade de outro tipo. A fórmula lógica seria:

para o imperfectivo:

( 1.6.9 ) *Quando o porteiro me via, abria a porta.*

$$\text{IPF}(\lambda e \lambda C \phi) = \lambda i \forall e [ \subseteq (e, i) \wedge \text{Cont}_{(e)} \wedge \exists C [ \phi C ] ] \rightarrow \exists C [ \phi (e, C) \wedge C \neq \phi ] ]$$

e, para o perfectivo :

( 1.6.10 ) *Quando o porteiro me viu, abriu a porta.*

$$\text{PF}(\lambda e \lambda C \phi) = \lambda i \exists e [ (e, i) \wedge \exists C [ \phi (e, C) \wedge C \neq \phi ] ]$$

Na estrutura formal adotada, QUANDO é tratado como um operador binário que introduz uma relação temporal entre dois conjuntos de eventualidades ou intervalos de tempo. Mas, como na maioria das vezes a informação temporal é apenas implícita, QUANDO precisa ser assumido como um conetivo default.

Outro ponto considerado por Bonomi é a construção com QUANDO não ser usada como uma restritiva de um advérbio ( implícito ) de quantificação, quando a subordinada está no perfeito, enquanto que a oração principal está no imperfeito, ou ao contrário. Em ambos os casos, o imperfeito pode ter uma leitura progressiva. Essa dupla possibilidade de leitura do imperfeito (habitual e progressiva) é uma característica importante do sistema aspectual de línguas como o italiano, o espanhol e o português. Considerando que o mesmo tipo de estrutura quantificacional seja o suporte para as duas interpretações, Bonomi propõe o que ele denomina de *Princípio de Unificação* (IPF):

( i ) a leitura progressiva do imperfectivo e a leitura habitual se originam da mesma forma lógica, baseada na quantificação sobre eventualidades.

( ii ) o contexto tem o papel de determinar qual das duas leituras é admissível.

Assim, o contexto se torna crucial na determinação do tipo da interpretação do imperfectivo. Se o contexto não especifica o suficiente, e se a semântica lexical (Aktionsarten) do verbo não serve para esclarecer, então as duas leituras são totalmente admissíveis. Em:

Segundo Bonomi, as construções com QUANDO têm duas partes distintas: no nível semântico, selecionam o que entra na sentença restritiva e o que entra na sentença principal. É no nível pragmático contribuem para estabelecer uma relação particular entre eventualidades. Ou seja, como já foi observado, o papel do contexto se torna extremamente importante, e ao mesmo tempo, esse contexto continua um conceito vago demais. Em outras palavras, Bonomi não consegue dar conta da semântica das ambigüidades da leitura progressiva/habitual das sentenças com o pretérito imperfectivo e transfere a “solução” para a pragmática (a velha “lata de lixo”). Por outro lado, mesmo admitindo, como vimos, a importância da contribuição da semântica lexical do verbo, essa semântica não encontra lugar nas representações lógicas propostas: as fórmulas lógicas de Bonomi incluem as “eventualidades” não especificadas. Essa não-especificação trará mais problemas, como veremos adiante.

O modelo encontra problemas para dar conta da relação entre os advérbios de quantificação explícitos e as formas aspectuais dos tempos pretéritos. Bonomi reconhece que a noção de intervalo aberto e fechado proposta por Bennett (1977) poderia contribuir para a explicação de por que o perfeito, mas não o imperfectivo, é aceitável quando a duração do curso das eventualidades é explícita. O perfeito é a

única possibilidade quando o número de eventualidades é especificado ( fechando o intervalo, conforme Bennett):

( 1.6.11 ) *Exatamente nove vezes, quando o porteiro me viu/\*via, abriu/\*abria a porta.*

Entretanto, Bonomi não desenvolve a idéia de incorporar o conceito de intervalo aberto e/ou fechado.

Por fim, lembrando que a semântica lexical (Aktionsarten) traz sua contribuição, Bonomi afirma que os VPs accomplishments não são compatíveis com a leitura progressiva do imperfeito, como em:

( 1.6.12 ) *Quando Proust morreu ele completava a pesquisa..*

que,na verdade, é perfeitamente aceitável. Essa anomalia, para Bonomi, não aparece apenas em sentenças com QUANDO, mas também com advérbios temporais (subordinadas reduzidas) :

( 1.6.13 ) *Às cinco horas, Leo provava o teorema.*

(Entre parênteses: também perfeitamente aceitável).

Nos dois casos, o imperfeito poderia ser substituído pela perífrase progressiva, sem problemas, porque, nesse caso um VP accomplishment teria uma leitura de atividade (é o que alguns autores chamam de imperfeito progressivo). Bonomi segue a classificação de Vendler (1967), para quem um VP com objeto

direto seria obrigatoriamente um accomplishment tanto que sua presença nas construções progressivas seria inadmissível, gerando o “paradoxo do imperfectivo” (cf. Dowty; 1979). Acontece que o “paradoxo do imperfectivo” foi notado no progressivo, porque o inglês não distingue os pretéritos perfeito e imperfeito. Assim, se Bonomi admite que, no progressivo, o “accomplishment” poderia ter uma leitura de atividade, também pode tê-la no pretérito imperfeito. Em outras palavras, como já foi argumentado em Godoi (1992), o accomplishment, pelo menos nas línguas românicas, só pode existir no pretérito perfeito. Além disso, sendo atividades, esses VPs teriam a “propriedade de subintervalo”, outro conceito que Bonomi levanta - e larga - nas últimas linhas do seu artigo.

Segundo Bonomi, há uma diferença no comportamento entre atividades ou estados e accomplishment com respeito à leitura progressiva do imperfeito, cf.:

( 1.6.14 ) *Quando o vi, Leo corria no parque*

$$\exists i [ < ( i, \text{now} ) \wedge \exists e [ \subseteq ( e, i ) \wedge \text{eu-ver-Leo} ( e ) ] \wedge \forall i' [ \subseteq ( i', i ) \rightarrow \exists e' [ \text{Leo-correr-no-parque} ( e' ) \wedge > < ( e', i' ) ] ] ] ]$$

Há um intervalo *i* do qual seus subintervalos relevantes coincidem com uma eventualidade de um dado tipo. Essa condição é satisfeita por eventualidades que tem a “propriedade de subintervalo”, eventualidades do tipo A que, se *e* é do tipo A e o intervalo *i* coincide com a duração de *e*, então os subintervalos de *i* coincidem com a duração de uma eventualidade do mesmo tipo.. Estados e atividades que têm essa propriedade, são compatíveis com a leitura progressiva do imperfectivo, expressados pela forma lógica apresentada: a eventualidade de Leo estar correndo que coincide com um intervalo *i* pode ser vista como a soma de eventualidades menores de Leo estar correndo que coincidem temporalmente com os subintervalos

de i. Note-se de passagem, que a análise de Bonomi é contra-intuitiva: intuitivamente o Leo já estava em atividade de correr, quando o notei.

Finalizando, diríamos que a idéia de representar o contraste perfeito/imperfeito através da quantificação tem sua razão de ser. Entretanto, se pode pensar em desenvolver/"refinar" o modelo, incorporando a semântica lexical (para especificar as "eventualidades") e o conceito de intervalo aberto/fechado para minimizar o papel do contexto e permitir uma formalização mais rigorosa.

## 2 O Tempo e o Aspecto na Língua Portuguesa

### 2.1 Gramáticas Tradicionais

O aspecto, na gramática tradicional, não é tratado como categoria verbal. Nas gramáticas do português consideradas tradicionais, a categoria aspecto é referida como “modo de ação”, tratada junto à categoria de tempo, numa oposição durativo/pontual; contínuo/descontínuo.

Cunha (1985) define o aspecto como “uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo”. Postula que ação pode ser considerada “concluída” ou “não concluída” e que é o significado dos verbos auxiliares que transmite ao contexto os sentidos de incoativo, permansivo e conclusivo. Enfim, refere-se ao aspecto num sentido geral, não como categoria verbal e não se preocupa em sistematizá-lo.

Luft (1987) considera a categoria aspecto como exprimindo a oposição entre acabado/não-acabado. Postula que essa categoria manifesta-se conjuntamente com o tempo em algumas formas verbais como *cantei/canto, cantar/cantava*; ou exprime-se mediante a locução verbal (*estava cantando/tem cantado*), ou pelos sufixos *-ec(er)*=incoativo; *-ej(ar, -it(ar)*= iterativo)ou pelo próprio radical verbal com sua significação característica. Ainda, segundo ele, as locuções verbais podem exprimir aspectos do processo como anterioridade, posterioridade, continuidade, repetição, progressão, início, conclusão, etc. enfim, sua referência ao aspecto não deixa claro o que é essa categoria, nem quais são os aspectos possíveis, nem quando e como se manifestam.



Bechara (1989) não define aspecto, apenas o aktionsarten, quando diz que “são aspectos do momento da ação verbal”.

## 2.2 Lingüistas Modernos

Com algumas exceções, tal como os gramáticos tradicionais, os estudiosos da língua portuguesa contemporânea não assimilam a tradição aristotélica desenvolvida pelos anglo saxônicos e nem uma lógica de base para definir o aspecto. Seguem uma orientação indutiva, baseada, paradoxalmente, na tradição eslavo-germânica ( os modos de ação), levando em consideração para a determinação do aspecto a forma verbal, o que gera enormes listas tipológicas, e não chegam nunca a um cálculo aspectual.

### 2.2.1 Castilho (1967 )

O primeiro trabalho sobre o aspecto em português foi o de Castilho. Em seu trabalho ele define aspecto como sendo o indicador da duração ou desenvolvimento do processo e do estado expressos pelo verbo, a categoria que se reporta aos graus de realização da ação.

Castilho considera quatro valores aspectuais fundamentais , a cada um desses valores corresponde um aspecto, e alguns desses aspectos apresentam subtipos. Levando em conta ainda as noções de verbos télicos - descrevem ações que tendem a um fim ( *matar, cair, engolir*, etc.), e verbos atélicos - descrevem

processos que não tendem a um fim ( *viver, mastigar, etc.* ) , ele constrói o seguinte esquema :

VALOR	ASPECTO	
Duração	Imperfectivo	( atélico)
Completamento	Perfectivo	( télico )
Repetição	Iterativo	( télico e atélico )
Neutralidade	indeterminado	

O Imperfectivo indica duração pura e simples e pode ser:

inceptivo – começo de ação e mudança de estado

curativo – duração da qual se ignoram os limites, no curativo a duração pode ser ampliada ou restrita

terminativo – o término da ação depois de ter tido um período de duração- expresso por verbos como : *acabar, terminar, cessar, etc.* )

O Perfectivo indica o completamento da ação e pode ser ;

Pontual – processo acabado tão logo tenha sido iniciado.

Resultativo – o complemento da ação implica um resultado.

Cessativo – marca fortemente a interrupção do processo.

O iterativo indica repetição e pode ser :

Perfectivo – ação pontual , ex. : *respondia que nada sabia.*

Imperfectivo – ação durativa, ex. : *falam de mim.*

O Indeterminado não é nem perfectivo, nem imperfectivo, é representado por frases que expressam verdades gerais, Por exemplo, a terra gira em torno do sol.

Para Castilho o aspecto é mais uma propriedade dos enunciados do que do verbo, admite que outros elementos interagem na expressão do aspecto, o tipo oracional, adjuntos adverbiais e a flexão temporal.

Na verdade, Castilho não faz uma distinção clara entre tempo e aspecto. Diz que às vezes o aspecto pode ser expresso pela flexão e outras vezes não, ora a flexão indica tempo, ora indica tempo e aspecto. Os verbos e os adjuntos adverbiais indicam aspecto, mas nem sempre o mesmo. Seria necessário definir uma combinatória de vários fatores que concorrem para a obtenção dos aspectos.

### 2.2.2 Back & Mattos (1972)

Diferentemente de Castilho, Travaglia e Mira Mateus et al, Bach & Matos fundamentam sua teoria com base no estruturalismo, embora incorpore alguns conceitos lógicos como veremos adiante.

Segundo Back & Matos, o português apresenta apenas o aspecto acabamento, ou seja perfeito e imperfeito, e dois modos : possibilidade ( próximo e remoto ) e eventualidade ( indicativo e subjuntivo ).

O aspecto imperfeito diz respeito ao fato inacabado, e pode ser :

Durativo – que se processa, ex.:

(2.2.2.1) *Tenho dinheiro no banco.*

Freqüentativo – que se repete, ex.:

(2.2.2.2) *Jantamos sempre em casa.*

Inceptivo – que vai se processar, ex.:

(2.2.2.3) *Jantamos daqui a pouco.*

O aspecto perfeito diz respeito ao fato acabado com relação ao momento da fala, e pode ser:

Anterior, ex.

(2.2.2.4) *Pedro chegou ontem.*

Simultâneo, ex.:

(2.2.2.5) *Pedro chegou agora.*

Posterior, ex.:

(2.2.2.6) *Amanhã, Pedro chegou.*

O modo *possibilidade* diz respeito à perspectiva do falante, o próximo sugere o fato possível, e o remoto, o fato impossível. Conforme a situação, o fato possível

pode ser interpretado como real, certo ou provável, e o fato impossível, como irreal, incerto ou improvável, ex.:

(2.2.2.7) *Se puder, subo amanhã para Petrópolis.* ( certo ou provável )

(2.2.2.8) *Se pudesse, subia amanhã para Petrópolis.* ( incerto ou improvável )

Quanto ao modo *eventualidade*, o indicativo se refere a fatos que podem ser realizados, o subjuntivo, a fatos irrealizados, ex.:

(2.2.2.9) *Não parece que seja coisa grave.* (não é)

(2.2.2.10) *Não parece que é coisa grave.* (mas é)

Segundo eles, o tempo está condicionado ao MF, momento da fala; o aspecto ao MR, momento da cena, na verdade, a referência e o modo à opinião do falante. Se o momento da fala for a diretriz tem-se tempo; se a diretriz for o momento do acontecimento, tem-se aspecto.

O aspecto imperfeito será representado pelo presente do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, presente do subjuntivo, infinitivo, pretérito imperfeito do subjuntivo e pelo gerúndio.

Uma observação interessante feita pelos autores é que a língua portuguesa indica aspecto pelas flexões verbais, e tempo, pelo contexto ou por advérbios temporais.

As considerações feitas por Bach & Mattos podem ser perfeitamente aplicadas ao espanhol sem maiores problemas, tanto com relação ao aspecto, como ao modo e à eventualidade .

Abaixo temos o quadro comparativo (a taxonomia) entre as denominações da gramática tradicional e a proposta de Bach & Mattos:

Gramática trad.	Acab.	Possib.	Event.	Back & Matos
Presente do ind.	-	+	-	descritivo próximo
Pret. imperf. do ind.	-	-	-	descritivo remoto
Infinitivo	-	±	±	descritivo frasal
Presente do subj.	-	+	+	imperativo próximo
Imp. do subj.	-	-	+	imperativo remoto
Gerúndio	-	±	±	imperativo frasal
Futuro do subj.	+	+	+	promissivo próximo
Imperf. Do subj.	+	-	+	promissivo remoto
Gerúndio	+	±	±	promissivo frasal
Pret. Perf. Ind.	+	+	-	narrativo próximo
Pret. Mais que perf.	+	-	-	narrativo remoto
Particípio	+	±	±	narrativo frasal

### 2.2.3 Travaglia (1985)

Baseado em Castilho, Travaglia apresenta em seu trabalho *O aspecto verbal no português* um estudo detalhado sobre o aspecto, que ele define assim:

Uma categoria verbal de tempo, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que

estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização(p. 53).

Quanto ao desenvolvimento, classifica os verbos em:

- a) início (inceptão)- que corresponde aos primeiros momentos da situação.
- b) meio (cursividade)- que considera que os primeiros momentos já passaram, mas a situação ainda não acabou.
- c) fim (terminatividade)- a situação se apresenta em seu ponto de término.

Quanto ao completamento, classifica os verbos em:

- a) completa
- b) incompleta

Quanto à realização, classifica os verbos em:

- a) por começar
- b) começada ou não acabada
- c) acabada

Travaglia apresenta ainda um quadro com as noções aspectuais, considerando duração, pontualidade e fases do desenvolvimento da ação, numa espécie de hierarquia:

Quanto à duração – duração sendo entendida como noção semântica aspectual e que indica o tempo de desenvolvimento da situação, e pode ser classificada como:

contínua – ex. : *ficará estudando até amanhã.*

descontínua – ex. : *passeia todos os dias na praia.*

Ambas podem ser limitadas ou ilimitadas.

Quanto à pontualidade, Travaglia opõe pontual à durativa – o início e término da situação acontecem simultaneamente ou separadas por um pequeno lapso de tempo.

Como resultado de todas essas noções, Travaglia apresenta um quadro dos aspectos do português:

Durativo	limitada	}	contínua	}	duração
Indeterminado	ilimitada		descontínua		
Iterativo	limitada	}			
Habitual	ilimitada				
Pontual					pontualidade
Não-começado	por começar				
Não-acabado	não-acabado	}		}	realização
Acabado	acabado				
Inceptivo	início				
Cursivo	meio	}		}	desenvolvimento
Terminativo	fim				
Perfectivo	completo	}		}	completamento
Imperfectivo	incompleto				
Não-atualizado					ausência de noções aspectuais

Travaglia pondera que as noções aspectuais se combinam para resultar nos aspectos, ele faz apenas uma primeira sistematização dessa relação, tratando a situação tanto do ponto de vista da sua duração quanto das suas fases, vê os aspectos isoladamente - cada noção corresponde a um aspecto. Considera ainda



que o aspecto é expresso pela flexão temporal, vincula os tempos flexionais aos aspectos, mas não deixa claro quais são os significados veiculados pela flexão verbal dos tempos.

As noções aspectuais consideradas por Travaglia são duração/não-duração e as fases do desenvolvimento da ação, algo parecido ao aktionsarten.

#### 2.2.4 Mira Mateus et al (1983)

Em seu livro *Gramática da Língua Portuguesa*, Mira Mateus e sua equipe dedicam um capítulo ao aspecto: “Categoria lingüística de aspecto”. E apresentam a seguinte definição de aspecto:

Aspecto é a categoria que exprime o modo de ser (interno) de um estado de coisas descrito através de expressões de uma língua natural, (i) por seleção de um predicador pertencente a uma dada classe; (ii) por quantificação do intervalo do tempo em que o estado de coisas descrito está localizado, e/ou (iii) por referência à fronteira inicial ou final desse intervalo, ou a intervalos adjacentes.(p. 125)

Mira Mateus et al. se referem às classes aspectuais postuladas por Vendler, e aproveitam, de Dowty, as noções de classes aspectuais e de intervalos temporais, e o fato de que para se obter uma categoria de aspecto é preciso a conjugação de classe aspectual com a forma aspectual.

O que Mira Mateus et al. consideram como valor aspectual, Travaglia e Castilho consideram aspecto.

No início, são apresentadas três categorias de verbo:

- a) estado
- b) processo
- c) evento

Que em seguida são separadas em dois grupos:

- a) Classe heterogênea: evento
- b) Classe homogênea: estado

#### Processo

A seguir são distinguidas duas possibilidades aspectuais básicas:

- a) pontual
- b) durativo

Com isso, estabelece-se um conjunto de outras distinções (tipos, subclasses), o que leva a formar uma hierarquia de aktionsarten.

Mira Mateus et al. consideram, como meios de expressão do aspecto em português, os processos lexicais que compreendem as classes aspectuais e formação de palavras e os processos gramaticais compreendendo as formas verbais, os verbos aspectuais e os advérbios.

A princípio, parece que os autores pretendem fazer uma semântica de intervalo, mas o que resulta de toda a discussão é uma semântica lexical pura e simples.

Tanto Castilho, como Travaglia e Mira Mateus et al, não fundamentam seus trabalhos na tradição aristotélica, mas, sim, na noção de aktionsarten, entendidos como traços semânticos e que dependem de uma definição puramente intuitiva.

### 2.2.5 Ruiz (1992)

Partindo do sistema de pontos de Reichenbach e da classificação dos morfemas aspectuais do português, desenvolvido por Bach & Mattos (1972), Ruiz faz um estudo da expressão do aspecto pelas formas verbais.

Para Ruiz, o tempo é dêitico, é compreendido como a relação entre o tempo da situação e algum outro tempo, geralmente o momento da fala (ME/MR) e MF – retoma os momentos de Reichenbach – e o aspecto é um tempo lingüístico não-dêitico, inerente ao verbo e expresso pelas flexões verbais – retoma Bach & Matos.

Segundo a autora, o aspecto pode ser perfeito (acabado) ou imperfeito (inacabado), sempre em relação a um ponto de referência, algum momento do fluxo temporal que pode ser o momento da fala ou outro arbitrariamente escolhido e denotado por um advérbio.

O aspecto perfeito corresponde ao pretérito perfeito do indicativo, onde o ME (momento de evento) é anterior ao MR (momento de referência) e é representado pelas flexões:

-ei, -i, -ste, --ra, -ou, -ram

Como no exemplo:

(2.2.5.1) *José praticou natação*

Nesse caso, o MR é igual ao MF.

O aspecto imperfeito corresponde ao presente e ao pretérito imperfeito, onde o ME (momento do evento) é simultâneo ao MR (momento de referência) e é representado pelas flexões:

-φ, -va, -ia

Como no exemplo :

(2.2.5.2) *José pratica esportes*

Nessa frase o MR é igual ao MF.

Uma frase como :

(2.2.5.3) *Jantamos em casa.*

terá aspecto imperfeito numa leitura de '*habitualmente jantamos em casa*', onde o ME será simultâneo ao MR, e a flexão marcará o presente do indicativo.

Poderá ter também uma leitura de aspecto perfeito, se entendermos como evento passado, representado pelo pretérito perfeito do indicativo, onde o ME é anterior ao MR.

Isso exemplifica a noção de tempo dêitico de Ruiz e deixa claro que, para classificar aspectualmente um verbo, é necessário que se leve em conta o contexto em que ele aparece, e não apenas o VP.

### 2.2.6 Godoi (1992)

Godoi propõe uma teoria para a classificação do aspecto verbal com base na classificação vendleriana (1967), os pontos temporais de Reichenbach (1947), a propriedade de 'end-points' (pontos inicial e final do evento) postulada por Hatav

(1989), a noção de intervalo postulada por Dowty (1979,1986) e ainda leva em conta os advérbios temporais (durativos, pontuais).

Godoi define o TR (tempo de referência), que não foi adequadamente definido por Reichenbach, como sendo uma unidade de tempo que contém o evento. Com essa definição, vamos ter outro tipo de relação entre o TE (tempo de evento) e o TR (tempo de referência), que se diferencia do sistema de Reichenbach: a de inclusão e não a de simultaneidade, posterioridade e anterioridade.

Segundo Godoi, o aspecto é a relação entre o tempo de evento e o tempo de referência que possibilita duas categorias: a perfectiva e a imperfectiva.

Quando o TR (tempo de referência) inclui o TE (tempo de evento) propriamente, com EP (end-points) fechados, teremos o aspecto perfectivo e todas as classes aspectuais podem apresentá-lo, exemplo:

(2.2.6.1) *João desceu a escada.*

(2.2.6.2) *Os homens jogaram xadrez por duas horas.*

(2.2.6.3) *Maria escreveu uma carta para sua mãe.*

Ou em espanhol:

(2.2.6.4) *María vivió intensamente este año.*

(2.2.6.5) *Francia ganó la copa del mundo de 1998.*

Godoi ainda postula que essa inclusão pode ser imprópria e ainda assim representar o aspecto perfectivo, mas é uma situação a ser investigada, que, possivelmente, não ocorre na língua portuguesa, nem na língua espanhola.

Teremos o aspecto imperfectivo quando o TE incluir o TR, propriamente, com EP abertos, o que sugere uma situação perdurando no tempo, exemplo:

(2.2.6.6) *Maria vivia feliz no campo.*

(2.2.6.7) *João corria no parque.*

Ou em espanhol:

(2.2.6.8) *Paco esperaba la comida.*

(2.2.6.9) *Los chicos nadaban en la piscina olímpica.*

Segundo Godoi, as relações entre o TR e o TE podem ser estabelecidas tanto à esquerda como à direita do TF (tempo de fala), ou, então, coincidir com ele, porque independem desse tempo. E o aspecto perfectivo e o imperfectivo podem ser encontrados nos tempos do passado, no presente e do futuro. Uma restrição apontada por Godoi é que as classes aspectuais achievement e accomplishment estarão obrigatoriamente no pretérito perfeito. A consequência disso é que sentenças como:

(2.2.6.10) *João pinta/pintava/estava pintando um quadro.*

Não podem ser consideradas accomplishments, mas:

(2.2.6.11) *João pintou um quadro.*

poderá ser um accomplishment ou uma atividade, a decisão dependerá de outros elementos ou do teste de advérbios para comprovar se a sentença possui ou não a propriedade de distributividade, confira:

- 2 (2.2.6.12) *João pintou um quadro durante duas horas* – atividade
- 3 (2.2.6.13) *João pintou um quadro em duas horas* – accomplishment

Ainda segundo Godoi, a falta de EP no aspecto imperfectivo sugere uma situação que conduz aos esquemas de incidência, em que o TE incluído no TR gera a interpretação desse tipo de situações como durativas e permite que essas situações sirvam de ‘pano de fundo’ para as perfectivas, em que o TE é incluído no TR.

Comprovando-se assim a importância dos EP na definição de uma seqüência devido à existência de uma ação recíproca entre os verbos do predicado e os advérbios de tempo. Assim, todas as categorias podem apresentar aspecto perfectivo e a ausência de EP só é possível para estados e atividades devido à propriedade de distributividade, pois são homogêneos e se estendem no tempo.

### 2.2.7 Ilari (1996)

Como já vimos em vários estudos, de vários autores, a oposição verbal aspectual básica se caracteriza pela perfectividade e a imperfectividade. Ou seja, no primeiro caso temos uma ação que pressupõe um ponto terminal, enquanto que no segundo, não.

Mas, além da oposição perfectividade/imperfectividade, Ilari considera importante observar outros valores aspectuais (iterativo, durativo, pontual) que dizem respeito às diferentes maneiras como as ações se realizam. A esse processo tem sido aplicado, às vezes, o termo alemão *aktionsart*, que já encontramos em outros estudos.

Como vimos no primeiro capítulo, seguindo a tradição filosófica que remonta a Aristóteles, Vendler (1967) desenvolveu uma classificação (aplicada aos verbos da língua inglesa) que distingue 4 classes de verbos:

accomplishment,

activities,

states,

achivements.

Ilari (1996) considera que essa classificação de Vendler aplicada ao português sem qualquer adaptação permite distinguir três classes de processos:

- a) processos pontuais, incompatíveis com a idéia de duração;
- b) processos duráveis, que evocam a idéia de “tempo gasto”, “tempo empregado”
- c) processos duráveis (correspondentes às activities e states de Vendler) que evocam a idéia de “tempo escoado”.

Os processos pontuais seriam aqueles que, apesar de apresentarem alguma duração interna, são caracterizados como pontuais, porque, segundo Vendler, reagem de certa maneira quando submetidos a certos testes semânticos. Por exemplo, verbos que, sendo expressos no pretérito do indicativo e ao receberem a aplicação de adjuntos como ‘naquele exato instante’, continuam sendo considerados em sua totalidade:



(2.2.7.1) *A luz apagou-se (naquele exato instante).*

(2.2.7.2) *José alcançou o topo da montanha (naquele exato instante).*

(2.2.7.3) *Maria matou a charada (naquele exato instante).*

Já um verbo que expressa um evento não-pontual, reagiria de maneira diferente:

(2.2.7.4) *Pedro escreveu a carta (naquele exato instante).*

Não sendo um evento pontual, o evento descrito por ele em combinação com o adjunto 'naquele exato instante' não poderia ser considerado em sua totalidade, pois o evento descrito pressupõe um intervalo de tempo estendido para ser realizado.

Outra característica dos verbos que expressam eventos pontuais é a sua incompatibilidade com adjuntos de duração, ou melhor, os adjuntos de duração quando combinados com predicados pontuais não indicam a duração interna do processo, mas sim o período no interior do qual ocorrem os eventos pontuais, ex.:

(2.2.7.5) *O alarme do carro disparou a semana toda.*

(2.2.7.6) *A bomba do poço quebrou por alguns meses.*

Em ( 2.2.7.5 ) fala-se de um alarme que tocou intermitentemente durante os últimos sete dias, e em ( 2.2.7.6 ) indica por quanto tempo dura, não a quebra, mas

o estado resultante – o tempo em que a bomba ficou quebrada ou, então, as tantas quebras da bomba durante um determinado período de tempo.

Os processos que evocam a idéia de “tempo empregado” respondem à pergunta “em quanto tempo” ou “quanto tempo....levou para ....”. Mas, como alerta Ilari, é preciso que a pergunta seja aplicada de maneira criteriosa, ex.:

*(2.2.7.7) X achou a chave em onze minutos*

Observe-se que os onze minutos são de procura, o encontro da chave foi instantâneo. O mesmo se observa no seguinte exemplo:

*(2.2.7.8) Em 30 anos de carreira ele só escreveu um artigo de 8 páginas.*

Nesse caso, a redação do artigo não durou 30 anos. Os 30 anos se referem ao intervalo de tempo dentro do qual o evento de escrever o artigo está incluído.

Ao passo que em:

*(2.2.7.9) Fiz os trabalhos de 4 matérias em uma semana.*

*(2.2.7.10) Li os livros em duas semanas.*

As locuções adverbiais de tempo se referem ao desenvolvimento do processo expresso pelo verbo.

Os exemplos típicos da classe dos processos duráveis que evocam idéia de tempo escoado são os processos homogêneos, ou seja, são processos que são

verdadeiros tanto em todo o intervalo de tempo em que se desenrola a ação como em apenas um subintervalo desse intervalo, por ex.:

(2.2.7.11) *Maria correu no parque por duas horas.*

Tanto é verdadeiro que Maria correu em todo o intervalo compreendido pelas duas horas, como é verdadeiro que Maria correu a cada subintervalo desse intervalo de duas horas.

Essa característica é definitiva para marcar a diferença entre estes processos e os que evocam idéia de tempo empregado. No exemplo:

(2.2.7.12) *“Li o livro em duas semanas”*

não se pode considerar como verdadeiro que em cada subintervalo do intervalo de duas semanas eu estava lendo o livro.

Dentro desses processos se pode fazer a distinção entre estados e atividades. Isso pode ser feito mediante a aplicação dos advérbios ‘deliberadamente’( o teste de Vendler/ Dowty “revisitado”), sendo que apenas as atividades combinam com esse advérbio, ex.:

(2.2.7.13) *X (deliberadamente) andou de barco pela baía por várias horas.*

Já os estados não combinam, confira:

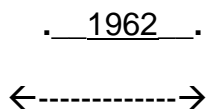
(2.2.7.14) *\* X (deliberadamente) conhece o código de trânsito.*

Ilari afirma que são as desinências verbais de tempo que determinam o aspecto perfectivo ou imperfectivo, principalmente no contraste entre o imperfeito e o perfeito, ex.:

(2.2.7.15) *Em 1962, Zequinha jogou/jogava para o Palmeiras.*

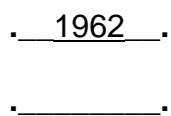
Usando o imperfeito, sugere-se que o estado de coisas descrito pelo predicado tem limites abertos, podendo prolongar-se além do período de tempo visado pelo adjunto; usando-se o perfeito sugere-se o contrário. Isso, segundo Ilari, resultaria nos seguintes esquemas:

Para o imperfeito:



o segmento que representa a ação expressa pelo imperfeito apresenta as 'pontas' abertas, ultrapassando o intervalo de tempo especificado pelo adjunto.

Para o perfeito:



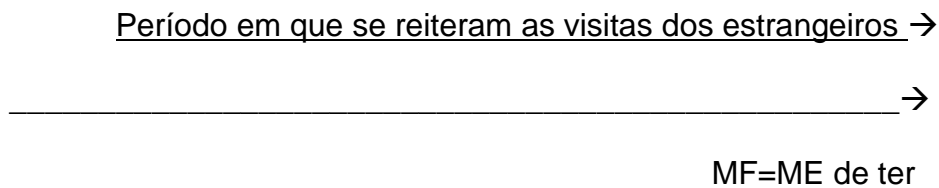
Aqui, o segmento que representa a ação expressa pelo verbo no perfeito apresenta as 'pontas' fechadas, tendo seu início e seu final bem demarcados.

Portanto pode-se afirmar que tanto o perfeito como o imperfeito se aplicam a predicados durativos, mas com uma diferença de interpretação.

Segundo Ilari, ao contrário do que ocorre com as desinências verbais, um sentido de reiteração parece estar associado de maneira obrigatória ao PPC (pretérito perfeito composto), ela é a única construção em todo o paradigma em que a interpretação reiterativa é obrigatória, o auxiliar *ter* + particípio passado estabelece um ponto de referência para um período que os inclui, embora seja anterior, ao menos em parte. Com isso, sentenças como:

(2.2.7.16) *Muitos estrangeiros têm vindo aqui.*

Podem ser associadas a um esquema temporal como:



Nesse caso a ação apresenta as 'pontas' abertas – característica do aspecto imperfectivo - os eventos têm início em um momento anterior ao momento presente, em um determinado intervalo são simultâneos a ele, mas se estendem além do momento presente.

Outra peculiaridade, ainda segundo Ilari, consiste no fato de que o PPC seja inadequado para descrever eventos que se repetem ou se repetiram, quando se quer explicitar o número de vezes em que se deu ou se dá tal repetição, ex.:

(2.2.7.17) *\*Eles têm vindo três vezes.*

(2.2.7.18) *Eles vieram três vezes.*

Isso se deve ao fato de o PPC descrever o passado como um período em desenvolvimento, insistindo na continuidade dos estados e na reiteração dos processos, ex.:

(2.2.7.19) *O 'Monde' tem sido entregue pelo correio aéreo desde 1923.*

(2.2.7.20) *Tenho convidado Maria várias vezes para jantar.*

em oposição ao PPS (pretérito perfeito simples) que dá ao período uma imagem de conjunto, totalizadora; onde se entende por totalização duas coisas: o número de vezes apurado vale para o período passado como um todo, e aquele período é tudo aquilo que revela considerar. Assim:

(2.2.7.21) *X ganhou três vezes e perdeu duas.*

Poderá ser associado a um esquema como:

Esquema Z (cf. Ilari;1996:181)

-----A-----B-----MF----->

$V = \{a,b,c\} \cup \{m,n\}$

Onde: a,b,c são vitórias,

m,n são derrotas,e

o conjunto V se insere no período AB

O uso do PPC, que resultaria na seguinte sentença:

(2.2.7.22) *X tem ganhado três vezes e perdido duas.*

O esquema correspondente seria:

----(Z1)------(Z2)------(Z3)-----(Zn)----→

essa representação explica por que a sentença

(2.2.7.23) *Eles têm vindo três vezes*

é inaceitável, reiterar um padrão que consiste em três vindas consecutivas e nada mais, resulta em desfigurar o próprio padrão.

Na oração:

(2.2.7.24) *X tem ganhado três vezes e perdido duas.*

a reiteração expressa se aplica aos processos descritos em duas sentenças sucessivas, segundo o seguinte esquema:

	ocorre	ocorre	ocorre
	----que	-----que (Xganha) e, em seguida	-----que (X perde)
n vezes	3 vezes		2 vezes

esse esquema nos dá várias operações de quantificação que traduzem ‘vezes’ como idéia de reiteração, além disso, a gramaticidade de orações em que se usa o PPC é afetada pela noção de quantidade expressa no segmento que funciona como sujeito ou objeto, ex.:

*(2.2.7.25) \*O surto de meningite tem matado uma pessoa.*

*(2.2.7.26) \*O surto de meningite tem matado a zeladoria.*

*(2.2.7.27) \*O surto de meningite tem matado Pedro e Carlos.*

*(2.2.7.28) O surto de meningite tem matado muita gente.*

O PPC é um tempo que expressa essencialmente ações reiterativas, ou seja, funciona como um quantificador de predicados. Isso pressupõe que a reiteração implica na existência de um período de tempo mais ou menos longo que se subdivide em períodos menores, sendo que em cada um desses períodos menores ocorrem uma ou mais vezes eventos de um mesmo tipo. Conseqüentemente, SN-objetos como ‘uma pessoa’, ‘a zeladoria’ ou ‘Pedro e Carlos’ relacionados com um verbo que expressa uma ação como ‘morrer’ têm sua aceitabilidade prejudicada, pois não se pode admitir reiterações desse tipo. A única aceitável é com o SN-objeto ‘muita gente’, que se justifica por ser um predicado que se refere a toda uma classe, ou seja uma das interpretações de plural.



### 3. O Estudo do Tempo e do Aspecto em Espanhol

O breve histórico que apresentaremos a seguir tem como base um panorama do desenvolvimento do estudo do aspecto em espanhol feito por Rojo (1988),

A visão habitual da estrutura e do funcionamento do verbo espanhol é excessivamente rígida e hierarquizada. Rígida porque cada uma das categorias gramaticais relacionada com o verbo é vista como uma entidade absolutamente diferenciada das outras. Hierarquizada porque parte da concepção de que os modos se dividem em tempos, os tempos em aspecto, etc.

Como já mencionamos o aspecto é uma categoria que os estóicos aplicaram ao verbo grego, mas que com exceção de Varrón, não foi levada em conta pelos gramáticos latinos. No séc. XIX os gramáticos eslavos redescobriram essa noção, e hoje não se concebe um tratado sobre qualquer língua que não fale sobre aspecto.

As relações entre tempo e aspecto em espanhol, estabelecidas pelos gramáticos, passam por três fases. A primeira delas corresponde às edições da Gramática da Academia anteriores a 1917, nessa fase o aspecto não aparece, a estrutura do sistema verbal se compõe de duas categorias fundamentais: modo e tempo. Apesar de serem mencionados “pretérito perfecto”, “pretérito imperfecto” e “pretérito pluscuamperfecto”, essas denominações são vinculadas ao carácter terminado ou não-terminado da situação referida pela forma verbal, mas não implicam na presença do aspecto como categoria gramatical. Os termos latinos “perfectum” e “imperfectum” foram usados para traduzir os gregos relacionados com o carácter conclusivo ou inconclusivo, e conseqüentemente, com valores aspectuais, mas foram usados como especificações internas da categoria temporal.

A segunda fase acontece pouco antes da difusão do estruturalismo, corresponde a edições da GRAE posteriores a 1917 (incluindo o Esbozo), Gili Gaya, etc. Os autores desta fase consideram três categorias com papel importante na estruturação do sistema verbal: modo, tempo e aspecto. A terceira categoria surge com a separação de um traço que era parte do tempo (distinção entre terminado e não-terminado já com anterioridade) e transforma-se numa categoria independente. Mas isso não é tão simples e gera dificuldades, por ex.: *Llego* se opõe a *he llegado* como forma perfeita à imperfeita, de modo que *he llegado* é o presente da ação terminada e é usada para expressar um fato que acaba de se verificar no momento em que falamos. Se se trata de “presente de ação terminada”, sua denominação deveria ser “presente” e não “pretérito”. A presença de *llegué* entre as formas que expressam uma ação como não-terminada é o resultado de dois fatores. Um deles é o fato de a Academia, segundo Gili Gaya, confundir a perfeição de um ato com o seu término no tempo, a questão é que com verbos perfectivos, o pretérito absoluto indica a anterioridade de toda a ação, mas com verbos imperfectivos expressa a anterioridade da perfeição, que não é o mesmo que a sua conclusão no tempo. Outro são as dificuldades que acarretariam ao sistema proposto a consideração de *llegué* como forma perfeita, pois se romperia a simetria do sistema ao ser uma forma simples, mas perfeita, e não poder se opor a sua composta correspondente. Por isso a Academia optou por denominá-la de indefinida, afirmando que algumas vezes expressa o fato ou ação como incipientes, e outras como terminados, dependendo da significação do verbo. Para Rafael Seco (1932), o espanhol distingue três tempos : imperfeitos, perfeitos e indefinidos. Os imperfeitos expressam a ação como não-terminada, os perfeitos como ação consumada e os indefinidos deixam indeterminada uma ou outra circunstância; os imperfeitos e os indefinidos são

tempos simples e os perfeitos são compostos. Seco se refere a diferentes matizes de localização no tempo e não a aspecto.

A princípio os acadêmicos sugerem que a qualidade da ação ( o aspecto ) admite três subcategorias relacionadas com as diversas fases da ação : seu começo, a ação incipiente; o seu processo ou duração, ação durativa, e o seu fim, ação acabada ou perfeita. O cruzamento dessas subcategorias com as temporais produz nove elementos que representariam um sistema de conjugação perfeito. Aí aparece um problema, pois o indicativo do espanhol tem oito formas, cinco das quais têm na sua denominação a palavra pretérito.

Na terceira fase que corresponde ao momento atual, o aspecto não aparece como uma noção bem definida. Há muitas definições e infinitas propostas de classes e subclasses.

### 3.1 Moreno de Alba (1978)

De acordo com Moreno de Alba, as formas verbais pretéritas do espanhol apresentam três tipos de oposições fundamentais: com relação ao aspecto, com relação ao tempo, com relação à dependência a um outro tempo verbal.

Quanto ao aspecto, apresenta-se a oposição: “formas perfectivas” (*pretérito* e *antecopretérito*) e “formas imperfectivas” (*antepresente* e *copretérito*). Segundo Moreno de Alba, o *copretérito* apresenta um caráter plenamente imperfectivo, o *pretérito* e o *antecopretérito* são plenamente perfectivos, mas o *antepresente* apresenta um caráter “relativamente imperfectivo”. Para explicar melhor a sua idéia, o autor apresenta o seguinte esquema:

- 1) -----AC-----Pr-----P-----
- 2) -----++++C++++-----P-----
- 3) -----++++AP++++P++++-----

onde P representa o momento da enunciação, Pr o *pretérito*, AC o *antecopretérito*, e o AP o *antepresente*. Em 1 a atenção do falante se fixa em um ponto do passado, enquanto que em 2 e 3 em um processo do passado. Em 1 a ação se entende como concluída, perfeita. Em 2 e 3 a ação se entende enquanto processo, imperfeita. Para essa oposição não importa o tipo do verbo, pois qualquer verbo se estiver no *pretérito* ou no *antecopretérito* será perfectivo, se estiver no *copretérito* ou no *antepresente* será imperfectivo.

Em relação ao valor temporal, apresentam-se três possibilidades: “formas passadas” (*pretérito* e *copretérito*); “forma ainda presente” (*antepresente*) e “forma ante-passada” (*antecopretérito*). Os *pretéritos* e *copretéritos* são formas passadas; o *antepresente* designa uma ação iniciada no passado, mas de certa forma presente no momento da enunciação; e o *antecopretérito* é uma forma que designa algo anterior a um *pretérito*. Também apresenta um esquema para exemplificar:

- 1) ->Pr-C-----P->
- 2) --->->AP->->P->->->
- 3) -->AC---Pr----P----->

Em 1 a ação, no *pretérito* ou *copretérito*, se conclui em um ponto anterior ao presente. Em 2 a ação do *antepresente*, iniciada em um ponto x do passado, se

extende até o momento presente. Em 3 a ação, no *antecopretérito*, se conclui em um ponto anterior a um pretérito.

Com relação à dependência de outra forma verbal pretérita do sintagma ou do contexto, se pode classificar como absolutas aquelas que não apresentam essa dependência (*pretérito* e *antepresente*) e como relativas aquelas que apresentam essa dependência. O esquema resultante dessa classificação é o seguinte:

1) -----Pr-----P---→

-----++AP++++P++++→

2) -----Pr-----P---→

-----C-----P---→

3) -----AC-----Pr-----P---→

Em 1 o *pretérito* e o *antepresente* são absolutos, não há necessidade de que apareça outra forma verbal passada para que funcionem. Em 2, o *copretérito* requer um *pretérito* (ou outra forma de passado) para que se estabeleça sua significação de coexistência. Em 3, o *antecopretérito* requer um verbo em pretérito para funcionar como 'antepassado'.

O resumo das marcas estruturais das formas verbais pretéritas do espanhol, segundo Moreno de Alba, seria como segue:

Forma Verbal	Aspecto		Tempo			Dependência	
	Perfc.	Imperf.	Antepas.	Pas.	Ainda Pres.	Absol.	Rel.

Pretérito	x			x		x	
Antepresente		x			x	X	
Copretérito		x		x			X
Antecopretérito	x		X				x

Para entendermos melhor essa classificação feita por Moreno de Alba, vamos percorrer o caminho (das definições desses tempos verbais) que esse lingüista percorreu para chegar até ela.

**O pretérito simples** – a maioria dos autores considera essa uma forma perfectiva.

A Academia se mostra insegura quanto a perfectividade dessa forma verbal. Gili Gaya considera essa forma verbal como perfectiva, e observa que “con verbos perfectivos expresa la anterioridad de toda la acción; con los imperfectivos, la anterioridad de la perfección” (Gili Gaya;1943:122). Outros autores recorrem ao aspecto incoativo para resolver o problema do caráter perfectivo do pretérito com verbos imperfectivos: às vezes, o pretérito denota a anterioridade do instante em que o atributo começa a ter existência. Há autores, como Criado de Val (*Verbo espanhol*), que não negam o valor perfectivo dessa forma verbal, mas dizem que o *pretérito*, em oposição ao *antepresente*, designa ações mais distantes do momento da enunciação. Alarcos Llorach (1917) afirma que a distância cronológica entre a ação expressada e o momento da enunciação não é relevante, mas sim o fato de essa ação ter ou não relação com o presente. Para outros autores, o *pretérito* se caracteriza por seu aspecto pontual. Heger distingue várias possibilidades de interpretação do *pretérito*, dependendo do tipo do verbo: momentâneo, semelfactivo,

e reiterativo. De modo geral, são três as características fundamentais do *pretérito*: a) aspectualmente perfectivo, b) temporalmente pretérito, independente da maior ou menor distância cronológica que o separe do momento da enunciação, c) aspectualmente pontual: momentâneo ou semelfactivo.

Pretéritos semelfactivos e momentâneos: não se pode definir o momentâneo a partir de sua duração cronológica, mas como processo. O momentâneo designa a extensão temporal zero do processo concebido como transição contínua de um estado a outro, ex.:

(3.1.1) “*Llegué ahí en la mañana*”,

há uma transição entre não estar aí e estar aí, marcada pelo verbo *llegué*. Não é fácil determinar se o pretérito de verbos transformativos deve ser interpretado como momentâneo, semelfactivo ou como ambos, ex.: “*se levantó*” é uma expressão que pode ser interpretada como momentânea (antes estava sentado, depois estava de pé) ou como semelfactiva (se levantou uma vez). O que se pode precisar é o carácter não momentâneo de verbos não-transformativos, confira:

(3.1.2) “*Yo estuve en un hotel muy bonito*”.

Esses pretéritos são normalmente interpretados como semelfactivos de maior ou menor grau de duração.

Pretéritos iterativos : outra dificuldade aparece quando se trata de distinguir se a perfectividade é de uma ação ou de uma série de ações. Vejamos :

(3.1.3) “*Peleó en la época de Pancho Villa*”.

Mas essa questão, segundo Moreno de Alba, não é relevante, pois relevante é o fato de o *pretérito* poder significar tanto ações momentâneas como durativas, semelfactivas como iterativas, próximas ou remotas, mas sempre passadas e perfectivas.

**Antepresente** : A grande maioria das definições leva em consideração a relação que esse tempo guarda com o presente, : “La forma compuesta tiene relación con algo que todavía existe (...) se usa el antepresente siempre que va envuelta en el verbo alguna relación a lo presente”(Bello;1847:19). “Es el pasado visto desde el presente y en relación a lo presente”( Alonso y P. Henríquez;1967:195 ). “Expresa una relación con el presente y no simplemente una acción sucedida absolutamente en el pasado” (Alarcos Llorach;1994:166)

Alguns autores interpretam essa relação com o presente no sentido de que os efeitos da ação perduram no momento da fala. Outros autores, sem negar que o *antepresente* se caracteriza por sua relação com o presente, insistem na proximidade da ação com relação ao momento da fala.

Todas as definições admitem que o *antepresente* é um tempo perfectivo. Entretanto, Lope Blanch afirma que no México esse tempo verbal admite dois aspectos: imperfectivo e reiterativo em oposição ao pretérito que é pontual e perfectivo. No uso peninsular ambas são formas perfectivas e o que as diferencia é uma questão temporal; *pretérito* é usado quando a ação tem sua conclusão no



passado, e o *antepresente* quando a ação tem a sua perfeição no presente. Já no espanhol mexicano o que diferencia as duas formas é o aspecto, se a ação é perfectiva se usa o pretérito, independentemente se o limite da ação está no passado ou no presente; mas se a significação verbal não é considerada concluída, mas em processo, se usa o *antepresente*.

Também se pode afirmar, baseado em Lope Blanch, que o *antepresente*, no espanhol do México, é normalmente reiterativo, pois manifesta uma série de ações que não é terminada, mas que pressupõe a possibilidade de continuação no futuro, portanto não se considera pertencente ao passado, mas presente e imperfectiva, ex.:

(3.1.4) “*Este año he ido a Acapulco*”

Enquanto que o pretérito expressa uma ação pretérita perfeita e pontual, ex. :

(3.1.5) “*Este año fui a Acapulco*”

Ainda, segundo Lope Blanch, há dois tipos de imperfectividade no *antepresente* mexicano, os imperfectivos atuais, com caráter claramente imperfectivo, ex.:

(3.1.6) “*Ellos han sido siempre muy amables con nosotros*”

E os imperfectivos habituais, que representam uma ação concluída, mas que através do significado do verbo se deduz que a ação pode repetir-se no futuro, ex.:

(3.1.7) “*Es la única exposición que he hecho*”

Os verbos de modo de ação permanente ( *ser, estar, tener, saber, etc* ) quando usados no *antepresente* são interpretados freqüentemente como semelfactivos e não como reiterativos. E os verbos de caráter não-permanente ( *ver, decir, saltar, etc* ) quando usados no *pretérito* geralmente são interpretados como semelfactivos, mas quando usados no *antepresente* como reiterativos, ex.:

(3.1.8) “*Esa rua siempre ha estado allí*” – representa uma ação contínua, semelfactiva, e não várias ações repetidas.

**Copretérito** : Quase todos os autores têm o mesmo critério para definir as características dessa forma verbal. O ponto predominante em várias definições é o seu caráter imperfeito: “Es el pasado de la acción no terminada”( GRAE:192 ) ; “expresa el significado como hecho que está ocurriendo en el pasado”( Alonso y P. Henríquez;1967:194 )

Outra característica predominante nas definições do *copretérito* é a sua capacidade de expressar uma ação passada simultânea a outra. Weinrich (1968 ) nega a existência do aspecto nos tempos verbais “hay aspectos en el sentido de cualidades formales de una acción o de un proceso...Pero todo eso no tiene nada que ver con los tiempos del lenguaje “. Segundo Weinrich, a única função que desempenham o *imperfecto* e o *pretérito simple* é dar relevo a um primeiro plano ou a um segundo plano na narrativa. O *copretérito* seria o tempo do segundo plano e o

*pretérito* o tempo do primeiro plano. Para ele, a diferença entre os tempos verbais é discursiva, não aspectual.

Segundo Moreno de Alba, o fato de o *copretérito* servir para narrar as circunstâncias secundárias é uma prova de seu valor imperfectivo, pois os pretéritos, freqüentemente pontuais, se sobressaem na narração graças as extensas e imperfectivas ações ou processos de fundo do relato, dos *copretéritos*.

Em oposição ao pretérito, o *copretérito* designa geralmente ações ou processos durativos ou iterativos. O comum é que se o verbo é de modo de ação imperfectivo, o *copretérito* seja durativo, se é perfectivo, então o *copretérito* se interpreta como iterativo:

(3.1.9) “*Todavía estaba en la Asociación cuando se recibió de licenciado*” -verbo imperfectivo, valor durativo.

(3.1.10) “*Yo era un chamaco que no más iba de vez en cuando*” -verbo perfectivo, valor iterativo.

**Antecopretérito:** as diferentes definições dessa forma verbal são bastante homogêneas. Algumas ressaltam seu valor temporal: “anterioridad con respecto a un hecho pasado” ( Gili Gaya;1943:126); “expresa un hecho anterior a outro hecho del pasado” (Alonso y Henríquez;1967:196). Bello explica que além disso, é preciso que haja um lapso de tempo entre as duas ações pretéritas : “significa que el atributo es anterior a outra cosa que tiene la relación de anterioridad respecto del momento en que se habla, pero mediando entre las dos cosas un intervalo indefinido(...) un intervalo más o menos largo”( Bello;1947:646). Outras definições dão ênfase ao seu

valor aspectual: “o pluscuamperfecto representa un acto o fenómeno terminado antes del momento o ‘ventana’ del recuerdo. Lo situamos en el tiempo mirando hacia atrás desde dicha ‘ventana’. No nos interesa su duración sino su fin, y éste en relación con el recuerdo” (Vargas-Barón;1953:414). O que se pode ver é que se aceita ou se expressa em geral que o *antecopretérito*, além de sua função temporal – ação passada anterior a outra – tem aspecto perfectivo.

É a partir desse estudo, das definições feitas por vários autores, que Moreno de Alba chega às conclusões que estão expostas acima.

### 3.2 Silva-Corvalán (1983)

Para Silva-Corvalán, o aspecto é uma propriedade oracional e supraoracional, porque se define a partir da interação entre o significado básico da forma verbal e o contexto pragmático, ou seja, não é estritamente semântico, ou melhor, é uma combinação entre semântica e pragmática.

Neste texto, a autora se propõe a investigar a distribuição do tempo e do aspecto, na narrativa oral do espanhol, especialmente no tempo Presente.

Para tanto, utiliza os significados gerais dados pela Real Academia para as formas verbais: o presente enfoca um evento que pode coexistir com o momento da fala, mas sem limite temporal; o PH (presente histórico) é usado na narração para apresentar fatos passados como se estivessem ocorrendo no momento da fala; o P (pretérito) enfoca o evento que tem a sua conclusão em um tempo anterior ao momento da fala; o I (imperfecto) apresenta eventos no passado como durativos,

iterativos ou habituais, mas sem referência ao seu ponto de conclusão (aqui, apesar de não deixar claro, recorre ao aktionsarten dos verbos). O Presente e o Imperfeito são aspectualmente imperfectivos e o Pretérito é perfectivo. Quando Silva-Corvalán se refere a Pretérito, se refere ao Pretérito Simple ou Indefinido, ela não leva em conta os tempos compostos, pois trabalha com a narrativa oral do México, e, na Hispanoamérica, não é comum o uso do tempo composto, mas essa é uma afirmação generalizada demais, pois sabemos que esse tipo de construção pode não ser a preferida pelos hispano-americanos, mas em alguns casos é usada.

O I corresponde ao “pano de fundo “da narração, é usado normalmente para descrever lugares, coisas e condições necessárias para orientar o ouvinte.

Na ação da narrativa, tanto o P como o I e o Presente podem ocorrer. Nas orações em que se recuperam experiências passadas na ordem em que ocorreram se usa o P, por exemplo:

(3.2.1) *“Lo pilló a uno y lo dejó paralisado”*

Entretanto, se a ordem não for o mais importante, mas o fato dos eventos indicarem uma ação estendida ou contínua, se usa o I, veja o exemplo :

(3.2.2) *“y con el pie le daba vuelta, la hoja, y miraba p’abajo así y estaba copiando lo más feliz y contento”*

Para dar conta da sua explicação, Silva Corvalán recorre às idéias de Reichenbach. O tempo de referência de ambos é o mesmo, o ponto R (ponto de referência) e o ponto E (ponto de evento) estão situados antes do ponto F (ponto de

fala), a diferença entre eles é aspectual. Eventos descritos no perfectivo P são vistos como uma unidade, então dois verbos consecutivos são interpretados como referentes a dois eventos consecutivos. Entretanto, eventos descritos no I não seguem uma seqüência temporal, aparecem em orações coordenadas e em orações restritivas, e tem um caráter de habitual ou contínuo, que vai ser determinado pelo contexto.

Outras formas verbais que se alternam para descrever eventos em que o tempo de referência é anterior ao momento da fala é o P e o PH. No contexto de ação, o PH assume o aspecto perfectivo, e dá a idéia de uma seqüência determinada para as ações, enquanto que o I não determina uma seqüência obrigatória, exemplo :

(3.2.3) *“El profesor estaba en la outra esquina. Y a esto que el profesor le, le hace así salta un banco, salta otro, salta una fila, corre”*

Silva-Corvalán retoma um conceito das gramáticas tradicionais espanholas , quando afirma que o PH faz com que eventos passados se tornem mais vivos ou dramáticos, apresentando-os como se estivessem ocorrendo em frente aos nossos olhos. O PH não tem significado de passado, mas o contexto nos faz deduzir que ele se refere a eventos passados.

Sempre que há uma mudança de tópico ou evento na narrativa, há uma mudança de forma verbal. A mudança de P para PH ocorre quando um evento inesperado ou dramático acontece. Orações com *cuando* têm o mesmo tempo verbal da oração principal, pois *cuando* localiza a ação no tempo e as duas orações são vistas como um evento único, portanto o PH não deveria aparecer nessas

orações. Entretanto, se a situação comunicativa exigir, isso pode ocorrer, por exemplo :

(3.2.4) *“Pero se asomó a la calle la Inés y gritaba y les decía, ‘ son ustedes, son ustedes ?’, cuando ve que viene la matrona”*

O PH é um mecanismo interno de avaliação, por isso ele co-ocorre com o evento mais dramático da narrativa, quando a ação complicativa alcança seu clímax, precedendo a resolução.

Como vimos, de acordo com Bonomi (1997), isso seria explicado como sendo a oração com verbo no Imperfecto funcionando como “pano de fundo” para a ação descrita pela oração com *cuando*. Ou seja, *“gritaba y les decía”* representa um intervalo de tempo maior e estendido que inclui os eventos (pontuais) descritos pela oração com *cuando* *“ve que viene la matrona”*

Segundo Silva-Corvalán, a distribuição do tempo e do aspecto nas narrativas em espanhol é em parte delimitada pelo contexto em que elas ocorrem. O P e o I partilham o significado de anterioridade, mas no contexto de orientação, apenas o I pode ser marcado para referir o tempo dos eventos na narrativa. No contexto em que ocorre a ação, o I não tem valor de habitual, e o presente adquire aspecto perfectivo.

Para Silva-Corvalán, a função de alternância entre P e PH, em espanhol, não é separar eventos, mas, sim, destacar um ou mais eventos – aqueles que representam os momentos mais críticos – do resto da narrativa. O PH não tem por si mesmo uma função retórica, mas o contexto da narrativa em que aparece e a sua interação com fatores lingüísticos e extra-lingüísticos é que fazem com que a forma Presente a qual inclui o momento da fala, apresente eventos como se eles

estivessem ocorrendo diante de nós. De todas as formas do sistema temporal do espanhol, o Presente é a única forma que pode criar esse efeito.

### 3.3 Rojo (1990)

Rojo apresenta o tempo lingüístico como uma categoria gramatical dêitica que expressa a orientação de uma situação, com respeito a um ponto central (origem ) ou a outro ponto que esteja direta ou indiretamente orientado com relação à origem (referência). O ponto central, origem (referência) é o ponto zero com relação ao qual se orientam as situações. Normalmente coincide com o momento da enunciação. Uma situação pode ser apresentada como simultânea, anterior ou posterior ao ponto que constitui a sua referência. Anterioridade, posterioridade e simultaneidade são conceitos diferentes de passado, futuro e presente.

A temporalidade lingüística situa e assinala o sentido, a direção, isto é, a orientação de um ponto com relação a outro. Sendo assim, se pode conceber as relações temporais como vetores e representá-las como  $oV$  ( simultaneidade ),  $-V$  (anterioridade ) e  $+V$  ( posterioridade ). O valor temporal de uma forma verbal é obtido através da indicação da relação temporal expressada e o ponto com respeito a qual a indica. Para Rojo o quadro temporal do espanhol seria :

<i>Llego</i>	$O\ oV$
<i>Llegué</i>	$O\ -V$
<i>Llegaré</i>	$O\ +V$
<i>Llegaba</i>	$(O\ -V)\ oV$



Llegaría	$( O -V ) +V$
<i>He llegado</i>	$( O oV ) -V$
<i>Había llegado</i>	$( O -V ) -V$
<i>Hube llegado</i>	$( O -V ) -V$
<i>Habré llegado</i>	$( O +V ) -V$
<i>Habría llegado</i>	$(( O -V ) +V) -V$

As fórmulas devem ser lidas da direita para a esquerda. Os parênteses indicam a prioridade das relações. Assim, por exemplo, *habré llegado* expressa uma situação anterior (-V) a um ponto posterior a origem (O+V).

*Llego* e *llegaba* têm em comum serem formas de simultaneidade, a diferença está no ponto em relação a que cada uma se expressa. *Llego* marca sua relação com o ponto de origem enquanto *llegaba* com um ponto anterior ao origem, ex.:

(3.3.1) *Dice que sale ahora*

(3.3.2) *Dijo que salía en aquel momento.*

Para Rojo, essa visão ampliada da temporalidade verbal é suficiente para dar conta do comportamento temporal das formas verbais espanholas, e que, portanto, as categorias adicionais propostas por outros lingüistas são desnecessárias.

Como base de seu texto sobre o aspecto, Rojo toma trabalhos publicados nos últimos anos: Comrie (1976), Bache (1982) e Pinkster (1983). Baseado em Coseriu (1980) evidencia que não se pode esperar que um certo significado (terminativo, durativo, pontual, etc.) expressado por meios gramaticais em uma determinada língua se manifeste sempre do mesmo modo, e que, segundo o procedimento

utilizado em cada língua para marcá-lo, ele poderá ser considerado aspecto ou modo de ação. E observa que a distinção entre aspecto e modo verbal (aktionsarten) é uma das mais confusas e variadas da lingüística, e que segundo ele, Coseriu (1980) descreve com clareza a origem de boa parte dessas discrepâncias quando diz que essa distinção era feita tendo como base os trabalhos eslavos que de um lado consideravam os distintos modos de contemplar uma ação verbal e a utilização de procedimentos gramaticais, e por outro, formas objetivas de desenvolvimento da ação verbal e distinções do léxico

Para Rojo, a oposição entre o perfectivo e o imperfectivo é a oposição aspectual básica. Para esse autor, a diferença entre tempo e aspecto está em que o tempo é uma categoria dêitica que orienta uma situação no eixo temporal com relação a origem; e o aspecto uma categoria não-dêitica que se refere ao desenvolvimento interno da situação sem relacioná-la com nada exterior a ela mesma. Nada disso é novidade, há uma vinculação entre certas subcategorias temporais e certas subcategorias aspectuais, ex.: anterioridade e perfectividade são significados normalmente associados já que para que uma situação seja anterior a outra deve ter chegado previamente a sua perfeição.

Segundo o autor, existe uma concomitância entre a consideração das formas perfectivas e a relação temporal primária de anterioridade: todas as formas perfectivas ( *llegué, he llegado, había llegado, hube llegado, habré llegado e habría llegado* ) expressam uma relação temporal primária de anterioridade, e nenhuma das formas imperfectivas ( *llego, llegaba, llegaré e llegaría* ) expressa essa relação.

A maior parte dos estudiosos recorre ao aspecto para explicar a oposição entre *llegué* e *llegaba*, porque parte da consideração simplista de ambas como forma de passado. Entretanto se se parte de uma visão enriquecida do tempo

verbal, se observa que elas não coincidem nem na relação temporal que expressam, nem ao ponto com relação ao qual se expressam. *Llegué* é uma forma de anterioridade a origem e *llegaba* indica simultaneidade com respeito a um ponto anterior a origem.

Essa consideração permite que se expliquem não só os usos que aparecem em seqüências como:

(3.3.3) “*Salió del portal*”

(3.3.4) “*Vi que salía del portal*”,

mas também todas as utilizações de *llegaba* como forma mediante a qual se estabelece o pano de fundo da narração, seus valores modais de não-realidade.

A concepção de *llegaba* como forma que expressa primariamente simultaneidade e de *llegué* como forma que expressa primariamente anterioridade tornam compreensíveis os significados aspectuais que encontramos nessas formas. São os valores associados a partir da vinculação entre tempo e aspecto. Como no caso das chamadas formas compostas (que surgiram como formas perfectivas as quais se associou o valor de anterioridade, que com a evolução passou ao primeiro plano, deixando a perfectividade em segundo plano), não é necessário defender a existência do aspecto como categoria funcional no núcleo do verbo espanhol para justificar o valor normalmente perfectivo de *llegué* ou o valor normalmente imperfeito de *llegaba*.

Se pode manter a existência de uma oposição exclusivamente temporal entre *llegué* e *llegaba* e explicar seus diferentes significados aspectuais como valores secundários derivados dos primários: anterioridade e simultaneidade.

Para Rojo, os casos em que estão implicados verbos que expressam situações télicas e pontuais, mostram a prioridade das relações temporais sobre as aspectuais, ex.:

(3.3.5) “*Al cabo de poco tiempo recibía/recibió la noticia fatal*”

(3.3.6) “*Colgó el teléfono sin contestar; diez minutos después se presentaba/presentó en el almacén*”

Em todos os casos, existe um ponto M1 anterior a origem e um ponto M2 que é posterior ao primeiro e anterior a origem. *Recibía* e *presentaba* enfocam a situação como simultânea a M2. *Recibió* e *presentó* são anteriores a origem como o M2. Nesses casos, a diferença entre *llegaba* e *llegó* fica clara da perspectiva temporal, já que é possível marcar a oposição entre ambas.

### 3.4 Acero (1990)

Com este texto, Acero tem dois objetivos: expor as idéias de Reichenbach e as modificações que ocorreram nos 40 anos que precederam a publicação dessas, e sua aplicação ao espanhol.

Acero esclarece que a análise de Reichenbach tem como “pano de fundo” a noção de “Princípio de Contexto” de Frege, que determina que se desejamos estabelecer o significado dos diferentes tempos verbais, é preciso examinar como eles contribuem para o significado de diferentes tipos de orações complexas e de diferentes tipos de textos.

Conforme vimos no primeiro capítulo, Reichenbach constrói seu sistema sobre três pontos :

**S** – o ponto de fala

**E** – o ponto de evento

**R** – o ponto de referência

De modo geral, os vários tempos podem ser reduzidos a diferentes ordenações de **S**, **E** e **R**. Segundo Reichenbach, são treze os tempos possíveis numa língua natural

Acero nos mostra como as idéias de Reichenbach podem acomodar-se ao modelo da lógica temporal. Os tempos são vistos como operadores, e as condições de verdade das expressões não são absolutas, mas relativas a um ponto temporal. Um tempo verbal é, para efeitos semânticos, um mecanismo que nos permite quantificar sobre um domínio de momentos de tempo. Essa quantificação se traduz na afirmação da existência de um novo momento de tempo, que será o novo momento de avaliação. Entre um e outro momento existe uma relação que vem determinada pelo tempo verbal: se é um tempo passado, o novo tempo é anterior ao primeiro; se é presente, a relação é de identidade; se é futuro a relação é de posterioridade, como em :

(3.4.1) *Juan había ido*

(3.4.2) *Plusc ( Juan va )*

(3.4.3) *Pret ( pret ( Juan va ) )*

A sentença será verdadeira em  $t$  se há dois momentos de tempo  $t'$  e  $t''$ , tais que  $t'' < t' < t$ , e “*Juan va*” é verdadeira em  $t''$ . Nessa análise,  $t$  é o ponto **S**,  $t'$ , o ponto **R** e  $t''$ , o ponto **E**.

Para se representar as análises de Reichenbach na perspectiva da lógica temporal clássica é preciso levar em conta que as condições de verdade não podem ser relativas a um momento de avaliação, mas aos pontos **S**, **R** e **E**. Por isso para as análises é preciso substituir o momento de avaliação por um índice temporal formado pelos três pontos. As orações atômicas requerem uma interpretação  $I$  que atribua a toda oração um valor verdade – um membro de  $\{ 0, 1 \}$  – com relação a todo tempo  $t$ . Se  $O$  é uma oração atômica:  $O$  é verdadeira com respeito a  $\langle \mathbf{S}, \mathbf{R}, \mathbf{E} \rangle$  se e somente se  $I ( O, E ) = 1$

Acero nos propõe a reconstrução das análises de Reichenbach do Pretérito Indefinido e do Pretérito Pluscuamperfecto:

Uma oração ‘**PRET ( O )**’ é verdadeira com respeito a  $\langle \mathbf{S}, \mathbf{R}, \mathbf{E} \rangle$  se e somente se “ $O$ ” é verdadeira com respeito a  $\langle \mathbf{S}, \mathbf{R}, \mathbf{E} \rangle$  e  $\mathbf{E}, \mathbf{R} < \mathbf{S}$ .

Uma Oração ‘**PLUSC ( O )**’ é verdadeira com respeito a  $\langle \mathbf{S}, \mathbf{R}, \mathbf{E} \rangle$  se e somente se “ $O$ ” é verdadeira com respeito a  $\langle \mathbf{S}, \mathbf{R} < \mathbf{E} \rangle$  e  $\mathbf{E} < \mathbf{R} < \mathbf{S}$ .

Para Acero, alguns subsistemas de Reichenbach se identificam facilmente com alguns tempos verbais do espanhol:

<b>E, R – S</b>	Pretérito Indefinido ( <i>canté</i> )
<b>E – R, S</b>	Pretérito Perfecto ( <i>he cantado</i> )
<b>E, R, S</b>	Presente ( <i>canto</i> )
<b>S, R – E e S – E – R</b>	Futuro Imperfecto ( <i>cantaré</i> )

Outras não são tão facilmente aceitáveis. Para o Pretérito Pluscuamperfecto ( *había cantado* ) e para o Pretérito Anterior ( *hubo cantado* ), só há uma possibilidade de combinação : **E – R – S**

Acero mostra que os três subsistemas de Pretérito Posterior: **R – E – S** , **R – E, S** e **R – S – E** , onde o ponto de referência é sempre anterior ao ponto de evento, podem ser expressados pelo Potencial Simple ( *cantaría* ) . Por exemplo:

(3.4.4) *Me aseguró que telefonaría.*

O ponto **E** (de *telefonaría*) pode ser anterior, simultâneo ou posterior ao ponto S. Pois esse é um tempo hipotético, e além do que Acero coloca, acarreta um problema modal.

Já o Potencial Compuesto (*habría cantado*) é mais rígido, situa o ponto R em um ponto posterior ao primeiro evento e coloca o ponto E entre aquele primeiro e o ponto R. Acero retoma Gili y Gaya para explicar o Potencial Compuesto “*expresa una acción futura en relación com un momento pasado, si bien aquella es anterior a otra acción*”(Gili y Gaya, 1964, 173), confira:

(3.4.5) *Luis me aseguró que habría telefonado*

**E1 – E2 – R – S**

Com razão, Acero observa que o Potencial Compuesto pode reproduzir o esquema temporal do Pretérito Anterior **E – R – S** .

Outro problema apontado por Acero é o fato de existirem subsistemas temporais que não correspondem a nenhum tempo verbal do espanhol, por exemplo, **S – R – E**, que, segundo Reichenbach, corresponderia a um Futuro Posterior; e também subsistemas que correspondem a mais de uma forma verbal, como o Pretérito Indefinido, o Progressivo, o Pretérito Imperfecto. Isso, sem contar o fato de nem sempre a forma verbal corresponder ao tempo verbal, por exemplo:

(3.4.6) *Juan llega mañana.*

(3.4.7) *Mañana, Juan llegó.*

Quanto ao Pretérito Perfecto, lembremos que Reichenbach utiliza a noção de tempo estendido para dar conta da sua definição. Quilis define esse tempo assim: “*El pretérito Perfecto se refiere a una acción realizada en un marco temporal que aún no ha terminado para el hablante*” (Quilis, 1989)

Por exemplo:

(3.4.8) *Le he conocido durante los últimos diez años*

**E – S,R**

Segundo Acero, há algumas construções em que o Pretérito Perfecto representaria, não um evento estendido, mas uma série de eventos, por exemplo :

(3.4.9) *Le he visto tres veces en el último año*

**E1 – E2 – E3 – R, S**



Mas, construções como:

(3.4.10) *Le he conocido hoy por la mañana*

(3.4.11) *Le he visto durante el último año.*

(3.4.12) *Le he visto por tres horas,*

demonstram que é preciso que se pense até onde o tipo de verbo e o uso de advérbios influenciam na representação do seu significado.

Acero retoma a proposta de Reichenbach para resolver a questão entre o Pretérito Perfecto e o Imperfecto – a noção de tempo estendido para designar o intervalo em que se dá o evento. Apesar de, nesse ponto, se perceber um problema com relação a representação do Progressivo, pois a sua representação baseada também na noção de tempo estendido se confundir com a representação do Imperfecto, se percebe a referência à noção de intervalo.

Com relação a orações complexas com mais de um verbo, Acero mostra que Reichenbach se baseia em dois princípios, PPPR (princípio de permanência do ponto de referência):

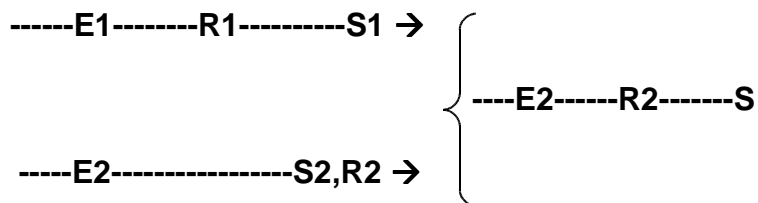
cada forma verbal que forme parte de uma oração contribui para o significado desta com um subsistema verbal se a oração é aceitável, deve ser possível fazer coincidir os pontos de referência dos distintos subsistemas. Confira:

(3.4.13) *Había echado la carta al correo cuando vino Juan y me dio las noticias.*

Segundo Reichenbach, sendo único o ponto de fala, a sucessão se organiza ao redor de um ponto temporal e este ponto é o de referência.

O problema é que nem sempre essa correlação é possível, percebendo isso, Acero expõe uma solução proposta por N. Hornstein ( 1977; 1981 ), segundo a qual deve-se alinhar os pontos **S** dos subsistemas temporais das orações, mover o ponto **R** da subordinada até situá-lo embaixo do ponto **R** da oração principal e situar o ponto **E** da subordinada de acordo com o movimento anterior. Exemplo:

(3.4.14) *Había echado la carta al correo cuando Juan ha venido .*



Essa solução apontada por Hornstein pode até dar certo, mas parece muito foçada, seria preciso uma maior reflexão sobre essa questão.

Quanto ao uso dos advérbios, Acero observa que Reichenbach considera que eles, assim como as frases adverbiais indicam que o ponto do subsistema funcionará como ponto de referência. O autor também nota que Hornstein vai além, considerando que os advérbios não só influenciam na determinação do ponto de referência, mas também podem modificar o ponto de evento. Vejamos:

(3.4.15) *Juan llegó ayer.*

**E,R – S**

(3.4.16) *Juan llegó mañana.*

**S – R,E**

Reichenbach, quando não tem mais alternativa que admitir que numa oração os pontos de referência não coincidam, lança mão da regra PUPPR (princípio do uso posicional do ponto de referência), que se limita a exigir que o ponto de referência possa estar situado em algum lugar do subsistema temporal e que diferentes determinações temporais indiquem diferentes pontos de referência. Hornstein, considerando essa hipótese muito fraca, pois não exclui praticamente nada, propõe uma solução bastante interessante para esse problema, baseando-se na noção de intervalo, que é a seguinte:

Regra T:

Faça-se coincidir o n-ésimo ponto de fala com o  $n - 1$ -ésimo ponto de evento (para  $n > 1$ ),

que daria conta de orações como estas :

*(3.4.17) Juan dijo hace una semana que Ana se irá dentro de tres días.*

*(3.4.18) Juan dijo ayer que Ana se fue hace tres días.*

Mas, como observa Acero, o tipo de identificação entre os pontos do subsistema temporal dependerá de propriedades semânticas dos verbos envolvidos.

Segundo Acero, uma grande deficiência das idéias de Reichenbach é o fato de Reichenbach ter passado por cima das importantes diferenças semânticas existentes entre verbos, diferenças essas que constituem um passo obrigatório numa análise de tempo e de verbo. Portanto, a análise do tempo verbal de Reichenbach deve ser complementada com uma teoria de modo em que as Aktionsarten das orações contribuam com os subsistemas temporais de unidades lingüísticas mais inclusivas.

### 3.5 Veiga Rodríguez (1996)

Veiga Rodríguez tenta demonstrar que o aspecto não é uma categoria funcional independente na estrutura do sistema verbal espanhol, ou seja, trata o aspecto dentro de uma concepção estruturalista.

O autor inicia seu texto com Coseriu (1980), que afirma que as categorias gramaticais são classes universais de conteúdo gramatical, e também que uma categoria existe no sistema gramatical de uma língua se funciona como categoria autônoma, representada como tal por oposições específicas e não redutíveis a outras categorias. Portanto, para o reconhecimento do aspecto como categoria morfológica funcional na estrutura de um sistema verbal, é preciso averiguar se os matizes de significado constituem a realização substancial de valores sistemáticos de conteúdo, que aparecem definidos como termos de alguma oposição gramatical que seja indubitavelmente caracterizada como aspectual.

De acordo com os seus pressupostos teóricos, o caráter funcional de uma categoria morfológica será comprovado se:

a ) realizações concretas de conteúdo pertencentes a unidades morfológicamente opostas no sistema sejam razoavelmente correspondentes à categoria, cuja funcionalidade se queira demonstrar.

b ) os mesmos conteúdos não podem ser considerados delimitados com a atuação de outra categoria, cuja funcionalidade tenha sido demonstrada previamente.

Utilizando-se dos conceitos estruturalistas, Veiga Rodríguez nos diz que quanto à comprovação do caráter pertinente, funcional no sistema, de uma oposição

entre signos, esta deve ser levada a cabo mediante a comutação de significados que se manifeste em uma diferenciação de significantes.

No caso das categorias verbais em sistemas como o espanhol e línguas mais ou menos próximas, a expressão dos significados potencialmente correspondentes às categorias de modo, tempo e aspecto é simultânea e não existem seqüências fônicas segmentais e independentes que correspondam aos significados em princípio remissíveis a cada uma delas.

Segundo o autor, a inclusão do aspecto como categoria independente dentro do conjunto de categorias estruturantes do sistema de oposições morfológicas tem sido defendida para dar conta da entrada nocional da diferenciação entre os significados expressados pelas formas *canté* e *cantaba*, e para caracterizar os significados próprios das formas compostas e das formas simples. Há teorias que não consideram o aspecto como categoria independente, mas, sim, consideram que as noções básicas das oposições das unidades verbais são de origem temporal. Veiga Rodríguez observa que há uma proximidade entre a substância temporal e a aspectual; e também que dois caminhos podem ser trilhados para que se reconheçam os significados dotados de valor funcional, que não o de modo, dentro do sistema de oposições morfológicas do verbo espanhol:

a) reconhecer apenas uma categoria (temporal) como responsável pelas oposições.

b) reconhecer que existem duas categorias diferentes : tempo e aspecto.

Veiga Rodríguez faz algumas críticas a Hernández Alonso (1984), quando esta caracteriza a oposição entre *canté* e *cantaba* como aspectual, a primeira seria perfectiva e poderia ser representada por  $A < R < E$  e a segunda, imperfectiva e representada por  $A \sim R > E$  (  $A$  = acontecimento,  $R$  = referência,  $E$  = elocução ). Para Veiga Rodríguez as diferenças entre *canté* e *cantaba* são apenas diferenças de

conteúdo temporal, e ele considera que Hernández Alonso se equivoca, considerando diferenças temporais como aspectuais.

O autor critica também as idéias de Slawomirski (1983), que também mantém a diferenciação de perfectivo / imperfectivo para os verbos em espanhol. Slawomirski tem como base para sua teoria a diferença de posição do falante no momento de focar a ação se o sujeito enfoca a ação de um momento posterior ou simultâneo na linha tempo com relação ao momento de realização da ação, usando um sistema bastante parecido com o de Reichenbach, dependendo da combinação de três momentos: **(MH-** momento de habla) , **(MA-** momento de acción) e **(ME-** momento de enfocar la acción) , levará a determinação de três categorias distintas: anterioridade, tempo e aspecto. Segundo Veiga Rodríguez, é um equívoco se considerar como independentes, três categorias que têm por base a questão temporal.

Veiga Rodríguez também critica as idéias de Rojo, pois, como vimos, este considera que as significações temporais são relativas, dêiticas, que orientam uma situação no eixo temporal com relação a um ponto central (origem), e que o aspecto é uma categoria não-dêitica que se refere ao desenvolvimento interno da situação. Observa também o fato de que as formulações de Rojo serem aceitáveis apenas em realizações básicas ou prototípicas, pois quando se estabelecem relações temporais com diversas formas verbais para um *cantaba* subordinado, ele pode expressar relações mais complexas que (O-V) oV (como Rojo previa), confira:

(3.5.1) *Por fin la radio anunciaba que llovía* ( ( O –V) oV ) oV

Portanto, seguindo os pressupostos de Veiga Rodríguez, a definição do aspecto como categoria não seria possível, pois é necessária uma concomitância entre o matiz aspectual e a relação temporal primária.

Veiga Rodríguez encerra seu texto, afirmando que as diferenças apontadas por vários autores como aspectuais não passam de diferenças temporais, e que os matizes aspectuais perceptíveis não constituem uma categoria independente, pois são inseparáveis da categoria temporal.

### 3.6 Rojo e Veiga (1999)

O trabalho mais recente sobre o tempo e o aspecto em língua espanhola, escrito por Rojo e Veiga, faz parte de uma gramática organizada por Bosque e Demonte e publicada em 1999.

Em um capítulo anterior já vimos um pouco sobre os estudos realizados por Rojo e Veiga, portanto não vamos nos estender muito sobre os dois. Vamos apenas retomar algumas de suas linhas-base. Alexandre Veiga segue uma linha estruturalista e não considera o aspecto como categoria, afirma que o que muitos autores consideram como aspecto não passa de diferenças de conteúdo temporal. Rojo considera a oposição entre perfectividade e a imperfectividade como a oposição aspectual básica. Como já observamos também, Rojo afirma que o aspecto é uma categoria não-dêitica que se refere ao desenvolvimento interno da situação, enquanto que o tempo é uma categoria dêitica que orienta uma situação no eixo temporal com relação a um ponto que ele chama de origem e que já vimos anteriormente.

Algo que nos pareceu bastante pertinente na introdução do capítulo escrito por Rojo e Veiga, foi uma reflexão a respeito do tempo verbal. Com base em Benveniste (1965), os autores relacionam as três acepções que a palavra 'tempo' apresenta:

Tempo físico: representa a sucessão de instantes em que o homem se encontra imerso. Constitui um contínuo uniforme, infinito e linear.

Tempo cronológico: é o tempo dos acontecimentos, onde se pode estabelecer relações de anterioridade, simultaneidade e posterioridade. Possui três características básicas: o estabelecimento de um ponto zero; os acontecimentos se situam antes, ao mesmo tempo ou depois do ponto zero; com base em fenômenos naturais, fixa unidades de medida que permitem indicar quanto tempo antes ou depois do ponto zero teve lugar um acontecimento.

Tempo lingüístico: se baseia no tempo cronológico, mas não se confunde com ele. Se fundamenta no estabelecimento de um ponto zero, mas esse ponto não é estático. Normalmente, esse ponto coincide com o momento da enunciação. Cada ato lingüístico se converte em seu próprio centro de referência temporal, com relação ao qual os acontecimentos podem ser anteriores, simultâneos ou posteriores.

Rojo & Veiga entendem o tempo verbal como uma categoria dêitica, que estabelece um sistema centrado em uma referência interna que, em uma interpretação habitual, se identifica com o momento da enunciação, e a orientação direta ou indireta com respeito a esse ponto zero como a característica fundamental do tempo lingüístico.



Seguindo a linha teórica do trabalho anterior de Rojo (1990), os autores, como já vimos, expõem um sistema de relações temporais que, mesmo tendo como base trabalhos já conhecidos como o de Reichenbach, se diferencia um pouco deles.

Não vamos repetir aqui todo o esquema, apenas nos concentraremos em alguns pontos que nos parecem pertinentes.

O centro dêitico de orientação temporal:

As orientações podem ser diretas, como nas relações de pretérito, presente e futuro, ou indiretas, quando entre o processo verbal e o origem se interpõe algum ponto de referência, cuja relação com o origem pode ser também direta ou indireta, é o caso dos pos-pretérito, ante-presente, etc.

A localização do origem, centro dêitico de referências do sistema temporal pode ser variável. Sua localização mais espontânea coincide com o momento da enunciação. Entretanto, determinados fatores podem alterar essa situação, o localizando exclusivamente em função do emissor ou o fazendo coincidir com um ponto diferente do 'agora' de todos os interlocutores.

O estabelecimento de correlações temporais entre diferentes unidades verbais permite comprovar que além das realizações concretas de conteúdo expressas pelas distintas formas em circunstâncias de independência sintática, cada forma pode expressar outras realizações que mantêm algumas características vetoriais próprias das anteriores. Por exemplo:

( 3.6.1) *Me quieres.*

(3.6.2) *Me querrás.*

Nas duas frases encontramos a expressão das relações temporais de ‘presente’ (OoV) e de futuro (O+V) – seus usos retos. Mas, basta que as mesmas formas passem a expressar relações temporais orientadas a partir de uma referência de futuro, isso é, a partir de uma outra relação O+V constituída como ponto de referência, para que seu significado temporal varie, exemplos:

(3.6.3) *Algún día me asegurarás que me quieres.*

(3.6.4) *Algún día me asegurarás que me querrás.*

Nas frases (3.6.3) e (3.6.4) as mesmas formas verbais, subordinadas em correlação temporal a *asegurarás*, que expressa a relação O+V, enfocam o processo *querer* como respectivamente simultâneo e posterior à relação temporal constituída em ponto de referência.

As três realizações de conteúdo temporal mais simples, aquelas que têm uma orientação simples diretamente medida desde o ponto de origem, são as formas *canté*, *canto* e *cantaré*, segundo a orientação temporal primária diretamente enfocada desde o centro de referências do sistema, seja de anterioridade, simultaneidade ou posterioridade.

Qualquer uma das três orientações temporais primárias pode combinar-se com diversos conteúdos aspectuais determinados pelo aktionsart do verbo ou pela combinação com outros elementos lingüísticos. Qualquer das três orientações podem expressar processos pontuais como em (3.6.5), processos de duração ampla como em (3.6.6) ou processos gerais como em (3.6.7) :

(3.6.5) a) *Hace pocos minutos cerraron la puerta principal.*

b) *En estos momentos cierran la puerta principal.*

c) *Dentro de pocos minutos cerrarán la puerta principal.*

(3.6.6) a) *Mi primo estudió filología clásica.*

b) *Mi primo estudia filología clásica.*

c) *Mi primo estudiará filología clásica.*

(3.6.7) a) *La tierra siempre giró alrededor del sol.*

b) *La tierra siempre gira alrededor del sol.*

c) *La tierra siempre girará alrededor del sol.*

(Esses três últimos exemplos nos lembram Mira Mateus et al.: o exemplo (3.6.7 -a) é um exemplo do que elas denominam gnômico, por apresentar uma verdade universal no presente do indicativo. Como a semântica das frases é a mesma, gostaríamos de saber como Mira Mateus et al classificariam as frases (3.6.7 – b) e (3.6.7 – c).)

No que se refere à relação temporal de ‘pretérito’ (O-V), os autores advertem que no espanhol comum se estabelece uma diferença peculiar entre a relação temporal básica e a expressa pela forma composta *he cantado*. De acordo com os autores, a anterioridade a uma referência simultânea ao origem ((OoV)-V) corresponderia a realização básica do conteúdo temporal da forma composta. As significações básicas expressas por *canté* e *he cantado* coincidem em focar o processo como primariamente anterior a um ponto de referência. No caso de *canté*, a referência é o centro dêitico do sistema temporal, e *he cantado* introduz uma relação de simultaneidade entre essa referência e o ponto de origem. Isso justificaria o fato de a forma composta normalmente estar acompanhada de advérbios ou

localizadores temporais que se referem a períodos de tempo ainda não concluídos no presente.

Retomando dois exemplos de Scott, que já vimos em um capítulo anterior:

(3.6.8) *Este año llovió mucho*

(3.6.9) *Este año ha llovido mucho,*

percebemos que, mais do que a presença de advérbios temporais ou localizadores, é a forma verbal que dá o caráter de concluído ou não-concluído à ação. Enquanto com a forma simples, entendemos a ação como já acabada (aspecto perfectivo) – a temporada de chuvas já acabou; a forma composta nos dá a idéia de uma ação inacabada (imperfectiva) – a temporada de chuvas ainda não acabou.

Rojo & Veiga advertem ainda para o fato de que nada impede de a forma *he cantado* se referir a um processo situado em um período apresentado como já concluído orientado, como simultâneo ao origem, como em:

(3.6.10) *Es para mí una satisfacción poder comunicarles que ayer mismo nuestros investigadores han llegado por fin a la resolución total del problema.*

Também pode referir-se a fatos cronologicamente remotos:

(3.6.11) *Grecia ha legado al mundo todas a las bases de la cultura occidental.*

Quando aparece em combinação com *canté*, a forma simples se refere ao processo mais recente:

(3.6.12) *Toda mi vida lo he creído un inútil, pero ayer me demostró su gran capacidad.*

Os autores fazem essa distinção, mas observam que atualmente ela não funciona em muitos dialetos do espanhol.

Com relação à oposição entre *canté* e *cantaba*, Rojo & Veiga dizem que a primeira forma expressa um fato como diretamente anterior ao origem (O-V), enquanto que a segunda expressa fatos simultâneos ao ponto de origem (O-V)oV, os autores ilustram sua análise com os seguintes exemplos:

(3.6.13) a) *Aquí estuvo la estación de autobuses.*

b) *Aquí estaba la estación de autobuses.*

Ambas as seqüências se referem a um mesmo fato passado variando a configuração gramatical de seu enfoque. No primeiro caso, se expressa o processo como diretamente anterior ao origem. No segundo caso, o processo *estar* recebe o mesmo enfoque que um 'presente' lhe conferiria desde o ponto de origem, mas orientado desde um momento anterior a tal ponto, que aqui não é possível identificar.

Segundo os autores, o fato de as duas formas apresentarem conteúdos temporais distintos, o que elimina qualquer problema de interpretação, suprime a

necessidade da defesa que muitos autores fazem da oposição aspectual perfectivo/imperfectivo para diferenciar esses dois tempos verbais.

Tanto não é irrelevante, que o exemplo de Godoi (1992), traduzido para o espanhol dá uma diferença semântica tremenda:

(3.6.14) *A las 5 horas fui a la iglesia.*

(3.6.15) *A las 5 horas la procesión entraba en la iglesia.*

A diferença entre ambas as frases vai muito além de uma diferença temporal, no primeiro caso a situação é localizada com relação a um ponto de referência, no segundo, o imperfeito faz com que o ponto de referência esteja incluído dentro do espaço de tempo em que a ação descrita pelo verbo ocorre.

#### 4. Reflexões para a Comparação Tempo/Aspecto em Português e Espanhol

Iniciamos este capítulo com uma apresentação do trabalho de Scott(1995), o único trabalho que encontramos que faz uma aproximação entre as línguas portuguesa e espanhola do ponto de vista tempo/aspecto.

A seguir faremos a análise de uma tabela, encontrada casualmente pela professora Elena Godoi, quando participava de um congresso. Sabemos que essa tabela faz parte de uma gramática da língua espanhola organizada por Ignacio Bosque, editada em 1999, mas a obra, embora encomendada por nós, ainda não chegou a nossas mãos. Além de analisarmos a tabela faremos sua aplicação a exemplos em língua espanhola e em língua portuguesa.

#### 4.1 Scott(1995)

Com base em Costa(1990), Scott faz uma comparação entre o Pretérito Perfeito Simples (PPS) e o Pretérito Perfeito Composto (PPC) do português e o Pretérito Perfecto Simple (P) e o Pretérito Perfecto Compuesto ou Antepresente (AP) do espanhol.

Segundo Scott, a oposição básica entre as duas formas de pretérito, acima citadas, em português é a questão aspectual, ou seja, enquanto o PPS descreve eventos perfectivos, o PPC descreve eventos imperfectivos. Se a forma verbal descreve o fato sem referência à constituição temporal interna, tem-se o perfectivo. Se a forma verbal se refere ao fato como um processo, tem-se o imperfectivo. Scott, seguindo Costa ao pé da letra, também afirma que são os sufixos como –ecer, -ificar, -izar que denotam a noção de processo, de passagem gradativa de um estado a outro, expressando o aspecto imperfectivo.

Apesar de concordarmos com Scott, quando ela afirma que é oposição perfectivo/imperfectivo que diferencia essas duas formas verbais, não podemos concordar com sua segunda afirmação, pois acreditamos que são as desinências verbais de tempo, como expõe Ilari (1997) – baseado em Reichenbach (1947)- que determinam o aspecto perfectivo ou imperfectivo, confira:

*(4.1.1) Tenho lido muitos livros ultimamente.*

*(4.1.2) Li muitos livros em minhas últimas férias.*

Quando utilizamos o PPC, sugerimos que o estado de coisas descrito tem limites abertos, podendo prolongar-se na linha do tempo, ou seja a ação de ler livros não tem um ponto que delimita seu fim, enquanto que quando utilizamos o PPS a ação descrita – ler livros – tem seu limite, seu ponto final sugerido.

O que nos leva a discordar de Scott quando ela afirma, baseada em Costa novamente, que os seguintes exemplos são imperfectivos:

(4.1.3) *Maria está diferente, amadureceu.*

(4.1.4) *O advogado falsificou os papéis.*

Pois, do nosso ponto de vista, seguindo o raciocínio de Ilari, essas formas expressam uma mudança de estado, mas já concluída em um intervalo de tempo anterior ao momento da fala.

O mesmo podemos afirmar com relação aos seus exemplos:

(4.1.5) *Ela sempre teve uma grande ternura por mim.*

(4.1.6) *Demorou, mas chegou.*

No primeiro caso, concordamos quando Scott, citando Cunha (1980) e Castilho (1968), afirma que a presença de advérbios ou locuções como *sempre*, *nunca*, *frequentemente*, *várias vezes*, *todos os dias*, etc. expressam uma ação repetida ou contínua. Mas, não podemos concordar em que expressam aspecto imperfectivo, pois de acordo com nossa perspectiva, o advérbio ou a locução adverbial só modificam o desenvolvimento da ação do verbo e não o fato de ela estar concluída ou não, como afirma Scott com base em Costa. Ou seja, o fato de



ela ter uma grande ternura por mim (cf. (4.1.5)) ocupa, não um ponto no passado e sim um intervalo de tempo no passado que se prolonga, mas que tem suas ‘pontas’ fechadas, marcadas pelo morfema verbal de tempo perfeito.

O mesmo se aplica ao exemplo (4.1.6). Não aceitamos a semântica lexical do verbo como indicador de aspecto imperfectivo. Lembrando Vendler (1967), que parece ser desconhecido por Costa e Scott, o que percebemos aqui é uma seqüência de ações que tiveram sua conclusão num intervalo de tempo anterior ao momento presente. O primeiro verbo – demorou – expressa uma ação que se prolongou no passado, mas que se concluiu no momento em que ocorreu a ação pontual descrita pelo verbo – chegou – que é um verbo que expressa também uma ação perfectiva devido ao morfema verbal de perfeito, mas posterior à ação descrita pelo primeiro verbo, embora ambas as ações tenham ocorrido em um momento anterior ao presente.

Com relação ao PPC, Scott apresenta um exemplo:

(4.1.7) *Tenho guardada uma lembrança da tia Loló,*

Que segundo ela tem aspecto perfectivo com ‘valor resultativo’. Aqui percebemos um equívoco da autora, pois esse exemplo sequer contém um verbo em pretérito perfeito composto pois, *guardada* aqui tem valor de adjetivo e não de verbo. Um exemplo de PPC teria que ser:

(4.1.7’) *Tenho guardado lembranças da tia Loló,*

com aspecto imperfectivo, denotado pela desinência do verbo com valor aspectual reiterativo, que dá idéia de várias lembranças sendo guardadas ao longo de um período de tempo. Uma frase como a sugerida por Scott, com a palavra *lembrança* no singular não seria admissível:

(4.1.7”) *\*Tenho guardado uma lembrança da tia Loló.*

Construções desse tipo, com o complemento no singular só são possíveis com alguns complementos, exemplo:

(4.1.8) *Tenho dançado a valsa “Vozes da primavera”* (que dá a idéia de que dancei várias vezes a mesma valsa)

Mais adiante, ao descrever o PPC, Scott recorre a Ilari (1985), que afirma que esse tempo verbal possui certas particularidades que o diferencia de outras formas compostas do português e de outras perífrases de igual estrutura morfológica encontradas nas demais línguas românicas. A primeira particularidade do PPC no português é que ele expressa sempre aspecto imperfectivo com valor iterativo, como em:

(4.1.9) *Ele tem nos visitado (várias vezes)*

Ou ainda com o valor durativo quando implica o uso de um verbo estativo no participípio, como em:

(4.1.10) *Tenho estado doente.*

Ao analisar o P (pretérito perfecto simple) e o AP (antepresente ou pretérito perfecto compuesto) do espanhol mexicano, Scott nos diz que, como no português, o uso do P se distingue do AP pelo aspecto perfectivo do primeiro e imperfectivo do segundo.

A autora retoma Moreno de Alba (1978), que afirma que são três as características do P:

- a) Aspectualmente perfectivo.
- b) Temporalmente pretérito, independente da maior ou menor distancia cronológica que o separe do momento da enunciação.
- c) Com valor aspectual pontual: momentâneo ou semelfactivo, ou iterativo, o que é discutível pois o exemplo: “*Leí el Esbozo*”, não se enquadra em nenhum desses valores.

O valor aspectual momentâneo designa extensão temporal zero do processo concebido como transição contínua de um estado a outro, por exemplo:

(4.1.11) *Algo te quería decir pero se me olvidó.*

Já o valor aspectual iterativo expressa ações reiteradas ou uma série de ações vistas como uma totalidade, exemplo:

(4.1.12) *Allí vivimos en frente a Conchita, y la quise mucho.*

Aqui percebemos novamente um desconhecimento da classificação vlenderiana . O exemplo (4.1.11) que é citado como sendo um processo momentâneo é na verdade um achievement ( processos que envolvem uma mudança instantânea) e o exemplo de verbo iterativo (4.1.12) é um estado ( ações que persistem através do tempo) na classificação de Vendler, e, mesmo de acordo com a classificação de Scott, deveria ser um verbo de valor durativo

Com relação ao AP, Scott – retomando Colombo(1991) – nos diz que, apesar de designar fenômenos que, tendo se iniciado antes do momento da enunciação, são considerados atuais, vigentes no momento em que estão sendo emitidos, o que evidencia a diferença aspectual entre:

*(4.1.13) Este año llovió mucho; e*

*(4.1.14) Este año ha llovido mucho.*

Pois, no caso de (4.1.13), ao usar o P, o falante quer dizer que a temporada das chuvas já acabou (aspecto perfectivo), enquanto que, no caso de (4.1.14) o uso do AP dá a entender que a temporada de chuvas ainda não acabou (aspecto imperfectivo)

Scott conclui afirmando que o AP mexicano é aspectualmente imperfectivo e que expressa, segundo o contexto, valor iterativo ou durativo:

*(4.1.15) Esa muchacha ha visto en su hogar mucha sujeción. (iterativo)*

*(4.1.16) Esa estatua siempre ha estado allí. (durativo)*

E, eventualmente, pontual como nos exemplos a seguir:

(4.1.17) *Es la única exposición que he hecho.*

(4.1.18) *Tú sabes que hace poco han descubierto un palacio que...*

Mais uma vez vamos retomar Vendler para explicar esses fenômenos, pois a maneira como a situação vai se desenvolver depende da classe aspectual a que pertence.

Scott nos apresenta um quadro com os aspectos e os valores aspectuais correspondentes ao P, AP, PPC e PPS, que nós reproduzimos aqui e que retomaremos ao final do capítulo:

PORTUGUÊS			ESPAÑHOL		
Tempo	Aspecto	Valor	Tempo	Aspecto	Valor
<b>PPC</b>	Imperf.	Iterativo	<b>AP</b>	Imperf.	Iterativo
		Durativo			Durativo
		Contínuo			Pontual
					Contínuo
<b>PPS</b>	Perfec.	Pontual	<b>P</b>	Perfec.	Pontual
	Imperfec.	Terminat.			Terminat.
		Incoativo			Incoativo

Observando-se o quadro, pode-se perceber, que o PPC, segundo Scott, em português, expressa aspecto imperfectivo com valor iterativo combinado com o durativo e o contínuo, enquanto que a forma correspondente em espanhol, o AP, além de expressar imperfectividade e apresentar os mesmos valores iterativo e durativo, apresenta também o valor pontual. O PPS expressa em geral aspecto

perfectivo, e em determinados contextos, com a presença de modificadores pode também apresentar aspecto imperfeito. O P do espanhol expressa exclusivamente aspecto perfectivo em qualquer tipo de contexto.

#### 4.2 A Tabela da *Gramática Descritiva de la Lengua Española* - organizada por Bosque e Demonte

Essa tabela apresentada na gramática de Bosque, na verdade, é quase uma reprodução fiel da tabela elaborada por Dowty (1979: 60)

A grande inovação, e o que despertou nossa atenção, é a sua aplicação à língua espanhola, pois até agora não havia nenhum trabalho desse tipo desenvolvido por nenhum dos lingüistas ou interessados no assunto em língua espanhola.

	ESTADOS	ACHIEVEMEN TS QUE CULMINAM EM UM PONTO	ACHIEMENTS QUE OCORREM EM UM PONTO	ACCOMPLISH MENTS	ATIVIDADES
Ocorre que	no	Si	Sí	Sí	Sí
Parar de	No	Si	No	Sí	Sí
En X minutos	Sí (II)	Sí (II e IL)	No	Sí (II=IL)	Sí (II)
Durante X minutos	sí	Si	No (sólo IIT)	No (sólo Itt,lint e IL, con VOA)	Sí
Casi	II	II	II	II e IL	II
Está V-ndo =há v-do	NS	NS	NS	No	Sí
Dejar de	Sí (con los ET) no(con los EP)	Si	No	Sí (IL)	Sí (II)
A las tres	no	Sí (II con los INGR; IL con los TERM)	Sí (II=IL)	Sí (IL)	Sí (II)
CD determinado	NI	NI	NI	I	I

II – interpretación de inicio de evento

IL – interpretación de límite del evento

NS – no siempre da resultados aceptables

NI – no influye si el objeto es o no determinado

I – influye si el objeto es o no determinado

Itt – interpretación iterativa

IInt – interpretación interrumpida

EP – estado permanente

ET – estado transitorio

INGR – verbos que culminan en un punto inicial

TERM – verbos que culminan en un punto final

VOA – verbos de objeto afectado o efectuado

A seguir vamos conferir os testes propostos por Bosque.

#### 4.2.1 O primeiro teste da tabela:

Um critério que se parece a esse primeiro já foi utilizado por Vendler para diferenciar os verbos estado dos demais tipos de verbos. De acordo com o teste de Vendler os outros verbos (accomplishments, atividades e achievements), ao serem questionados reagem de maneira diversa dos verbos estado, exemplo:

(4.2.1) *At what time did you reach the top?* -> At noon sharp.

(4.2.2) *At what moment did you spot the plane?* -> At 10:53 A .M.

(4.2.3) *For long did you love her?* -> For three years.

(4.2.4) *How long did you believe in the stork?* -> Till I was seven.

Ou seja, somente os verbos estado contém na resposta um período estendido de tempo, os outros podem ser respondidos de maneira pontual.

O teste da tabela é uma adaptação desse teste de Vendler. Segundo a tabela a expressão 'ocorre que' + verbo combina com todas as classes aspectuais, menos com os verbos estado.

O que ocorre? (4.2.5) *Ocorre que corri muito.*

(4.2.6) *Ocorre que desenhei um círculo.*

(4.2.7) *Ocorre que a água congelou.*

(4.2.8)\**Ocorre que sou brasileira.*

¿ Qué ocurre? (4.2.9) *Ocorre que hable mucho.*



(4.2.10) *Ocorre que dibujé un paisaje.*

(4.2.11) *Ocorre que el agua congeló.*

(4.2.12) *\*Ocorre que soy española*

De modo geral o teste funciona, mas encontramos alguns exemplos em que essa construção é possível com verbos estado:

(4.2.13) *Ocorre que no estou me sentindo muito bem.*

(4.2.14) *Ocorre que estoy enfermo.*

como justificativa para não realizar alguma atividade.

#### 4.2.2 O segundo teste:

Esse teste diz respeito à expressão ‘parar de’ combinada com os verbos estado e achievements que ocorrem em um ponto. Esse teste nos remete ao teste de acarretamento de Vendler (1967), em que esse autor, retomando Aristóteles, afirma que os acarretamentos de SV atividades e accomplishments diferem, conforme citado abaixo:

If it is true that is running or pushing a cart now, then even if he stops in the next moment it will be true that he did run or push a cart. On the other hand, even if it is true that someone is drawing a circle or is running a mile now, if he stops in the next moment it may not be true that he did draw a circle or did run a mile. In other words, if someone stops running a mile, he did not run a mile, if one stops drawing a circle, he did not draw a circle. But the man who stops running did run and he who stops pushing a cart did push it. (Vendler, 1967:100)

Vendler utiliza esse critério para diferenciar os verbos atividade dos verbos accomplishments – com os verbos atividade, mesmo que ação pare é possível dizer que ela aconteceu de forma completa, ex.:

(4.2.15) *Ontem choveu.*

*Parou de chover* -> mesmo assim choveu.

Com os verbos accomplishments não é possível saber se de fato a ação se completou ou não:

(4.2.16) *Desenhei uma paisagem.*

*Parei de desenhar a paisagem* -> não terminei o desenho

-> terminei de desenhar a paisagem

De acordo com Dowty (1979), a partir dessa afirmação de Vendler e da substituição do verbo *stop* por um tempo apropriado, se pode chegar a um segundo critério (aceito e utilizados por vários autores que já vimos em capítulos anteriores): o da homogeneidade das atividades( e estados) e da heterogeneidade dos accomplishments ( e achievements), isto é, se o verbo é um verbo atividade ou estado, para cada subintervalo do intervalo em que ocorreu o evento se pode dizer que é verdadeiro que ele ocorreu. Enquanto que para os accomplishments e accomplishments isso não é verdadeiro.

Voltando a tabela, não ficou muito clara a intenção do autor. Vejamos:

a) A expressão ‘parar de’ combinada com os verbos estado:

(4.2.17) *Amei Maria.*

*Parei de amar Maria* - > *amei Maria*

(4.2.18) *Juan amó María*

*Juan paró de amar María* -> *Juan amó María*

b) 'Parar de' combinada com verbo achievement que ocorre em um ponto:

(4.2.19) *Explodiu a mina.*

*Parou de explodir a mina* -> *explodiu a mina*

(4.2.20) *Explotó la dinamita.*

*Paró de explotar la dinamita* -> *explotó la dinamita*

Em outras palavras, não fica claro o que o autor pretende com esse teste, pois pelo que já foi apresentado por muitos estudiosos do assunto, o único tipo de verbo que pode ter um acarretamento diferenciado a partir desse teste é um verbo accomplishment, cujo exemplo já vimos acima.

#### 4.2.3 O terceiro e quarto testes

O terceiro e o quarto testes, são testes já bastante explorados por vários autores: por Vendler, por exemplo, que o utilizou para diferenciar os verbos atividade dos verbos accomplishments. Segundo esse autor, a expressão 'em X minutos'

combina com verbos accomplishment, enquanto que a expressão ‘durante X tempo’ combina com os verbos do tipo atividade, ex.:

(4.2.21) *Maria correu no parque durante uma hora.*

(4.2.22) \**Maria correu no parque em uma hora.*

(4.2.23) *Maria correu mil metros em uma hora.*

(4.2.24) \**Maria correu mil metros durante uma hora.*

Declerck (1979), discutindo o ‘paradoxo do imperfectivo’ apontado por Dowty (1977) – sentenças do tipo *João estava desenhando um círculo*, que não implicam a chegada a um resultado segundo Dowty – utilizou esse mesmo teste para diferenciar as expressões limitadas/télicas e ilimitadas/atélicas. Vejamos os seguintes exemplos de Declerck :

(4.2.25) *João tomou um copo de whisky* (em uma hora) – limitada

(4.2.26) *João tomou whisky* (durante horas) - ilimitada

Ilari (1996) também utilizou os testes com os adjuntos de duração, como ‘em x tempo’ e ‘por X tempo’ para diferenciar os processos duráveis que evocam a idéia de tempo empregado dos processos duráveis que evocam idéia de tempo escoado. Os processos que indicam tempo empregado combinam com os adjuntos do tipo ‘em X tempo’ , ex. :

(4.2.27) *Fiz os trabalhos de quatro matérias em uma semana.*

Os processos que indicam tempo escoado, remetem normalmente a processos 'homogêneos', englobam os estados e as atividades e combinam com adjuntos do tipo 'por X tempo' , ex. :

*(4.2.28) Fulano andou de barco pela baía por várias horas.*

Os testes da tabela nos levam por um caminho diferente, pois são testes de acarretamento.

O terceiro teste se refere ao acarretamento surgido da combinação da expressão 'em X minutos' com os vários tipos de verbos.

a) Com os verbos estado designaria o início do evento, ex.:

*(4.2.29) Amei Maria em dez minutos.*

*(4.2.30) Juan deseó mi presencia en cinco minutos.*

Com esses verbos, os adjuntos não se referem ao tempo de desenvolvimento do processo, mas, sim, marcam o momento em o processo se iniciou.

b) Com os achievements que culminam em um ponto, os adjuntos designariam o início e o limite do evento:

*(4.2.31) O filhote nasceu em dez minutos.*

*(4.2.32) El agua congeló en una hora.*

Aqui os adjuntos se referem ao intervalo de tempo em que o processo se desenvolveu, desde seu início até sua conclusão.

c) Com os achievements que ocorrem em um ponto, designariam o início e o limite da ação ocorrendo simultaneamente, por exemplo:

*(4.2.33) A máquina explodiu em cinco minutos.*

*(4.2.34) El proyectil detonó en dos minutos*

Nesse caso, os processos têm seu início e seu limite ocorrendo ao mesmo tempo, são o que muitos autores (cf., p. ex., Roman, 1998) denominam de eventos pontuais, processos, que apesar de apresentarem alguma duração interna, são caracterizados como pontuais para efeitos da análise lingüística.

d) Com os accomplishments designariam o início e o limite do evento:

*(4.2.35) Correu mil metros em 30 minutos.*

*(4.2.36) Dibujó la figura en diez minutos.*

Essa possibilidade já apareceu no teste de Vendler exposto acima (cf. ex. (23)).

e) Com os verbos atividade designariam o início do evento, ex.:

*(4.2.37) Choveu em dez minutos*

*(4.2.38) Llovió en dos minutos.*

Com o sentido de começou a chover dois minutos depois de o céu escurecer.

O quarto teste se refere ao acarretamento da combinação da expressão 'durante X minutos' com os vários tipos de verbos.

Com os verbos estado, os achievements que culminam em um ponto e atividade não apresentariam problemas. Vejamos:

a) Em combinação com os verbos estado:

(4.2.39) *Fui feliz durante muitos anos.*

(4.2.40) *Juan fue casado durante dos años.*

b) Com os verbos achievements que culminam em um ponto:

(4.2.41) *João dormiu durante uma semana.*

(4.2.42) *María durmió durante siete días.*

Aqui temos uma contradição, pois se são verbos achievements, não poderiam combinar com a expressão 'durante x tempo', conforme vimos anteriormente.

c) Com os achievements que ocorrem em um ponto somente seria possível em uma leitura interrompida, segundo Bosque:

(4.2.43) *Venci a corrida durante vários anos.*

(4.2.44) *Exploté la mina durante dos anos.*

Até podemos aceitar a afirmação de que se entende por 'eventos como interrompidos', porque se deduz que eles aconteceram durante um certo período de tempo e que não têm mais continuidade. Mas também temos que acrescentar que se trata de eventos reiterados, pois tanto 'explodir a mina' como 'vencer a corrida'

não se referem a um único evento, mas a uma série de eventos que ocorreram em determinado período.

d) Os verbos accomplishments somente seriam possíveis em leituras interrompidas, iterativa, ou como limite de evento se o verbo é de objeto afetado, conforme:

d.1) Leitura interrompida:

*(4.2.45) Pintou o quadro durante oito meses.*

*(4.2.46) Construyó la casa durante dos años.*

Nesses exemplos se entende que a ação que se prolongou por um determinado tempo foi interrompida.

d.2) Leitura iterativa:

*(4.2.47) Paulo correu mil metros durante dez anos.*

*(4.2.48) María fue a la playa durante veinte años.*

Aqui poderíamos acrescentar que, além de apresentarem uma leitura iterativa, as sentenças também apresentam uma leitura de interrupção, pois se deduz que são ações que não têm sua continuação no momento presente.

d.3) Leitura de limite de evento se o verbo é de objeto afetado ( essa denominação objeto afetado é de Bosque. Como não temos a obra em mãos para compreendermos qual o significado exato do termo, consideramos como 'objeto afectado', todos os objetos):

*(4.2.49) Recitou um poema durante dez minutos.*



(4.2.50) *Cantó una canción durante cinco minutos.*

Fica uma pergunta – qual seria a diferença entre limite de evento e interrupção do evento? Nos exemplos acima parece claro, mas se tivermos:

(4.2.51) *Cantó una canción durante ocho años .*

Estaremos diante de uma leitura iterativa e que dá idéia de uma interrupção ou não, pois quem pratica a ação de cantar pode continuar cantando. Então deduzimos que a leitura de limite de evento tem a ver com o fato de ser um verbo com objeto, mas, um objeto que represente apenas uma ação, sem a possibilidade de uma leitura iterativa.

#### 4.2.4 O quinto teste

Esse teste da tabela diz respeito à combinação da expressão ‘quase’ (casi) com os vários tipos de verbos.

Esse teste foi utilizado por Dowty (1979 : 60) para diferenciar as atividades dos accomplishments. De acordo com Dowty a combinação dessa expressão com esses dois tipos de verbos tem efeitos diferentes:

(4.2.52) *João quase pintou um quadro.*

(4.2.53) *João quase caminhou.*

No primeiro exemplo, que é um accomplishment, temos a possibilidade de duas leituras: a) João teve a intenção de pintar um quadro, mas desistiu antes mesmo de começar, b) João começou a pintar um quadro, mas não concluiu a pintura. Já no segundo exemplo a única leitura possível é de que João não caminhou de fato. Dowty conclui que essa ambigüidade ocasionada pela expressão 'almost' (quase) aparece somente na combinação com os verbos accomplishment, sendo que, com os verbos estado, atividade e achievements, não há ambigüidade.

De acordo com a tabela, a expressão 'quase' , quando combinada com verbos estado, achievements que culminam em um ponto, achievements que ocorrem em um ponto e atividades, indicaria o início do evento.

a) Em co-ocorrência com os verbos estado:

*(4.2.54) Quase ameí Maria.*

*(4.2.55) Juan casi fue professor.*

b) Em combinação com os verbos achievement que ocorrem em um ponto:

*(4.2.56) O filhote quase nasceu.*

*(4.2.57) María casi adormeció*

c) Combinado com os verbos achievement que culminam em um ponto:

*(4.2.58) Quase explodí o edifício.*

*(4.2.59) Juan casi detonó la bomba.*

aqui a marca de um início de uma ação, mas apenas a indicação de que o evento não foi sequer iniciado.

d) Em combinação com os verbos atividade:

(4.2.60) *Maria quase nadou.*

(4.2.61) *Juan casi estudió.*

e) Com os accomplishments, se indicariam o início e o limite do evento:

(4.2.62) *Paulo quase correu mil metros.*

(4.2.63) *Juan casi dibujó la figura.*

Na verdade o autor chega praticamente às mesmas conclusões que Dowty, de que essa combinação somente apresentará diferença com os verbos accomplishment,.

.

#### 4.2.5 O sexto teste

Esse teste diz respeito a co-ocorrência dos verbos com as estruturas 'está V-ndo' (progressivo) e 'ha V-do' / 'tem V-do' (pretérito perfecto compuesto do espanhol e/ou pretérito perfeito composto do português).

Esse critério de combinação do progressivo já foi utilizado por Vendler , que afirmava que essa estrutura não combina com os verbos estado. Mas esse seu

critério já foi contestado por vários estudiosos, que provaram que essa combinação é perfeitamente aceitável, como nos exemplos de Godoi(1992) a seguir:

(4.2.64) *João está sabendo a resposta.*

(4.2.65) *Now days, the kids are wanting us to bring them toys.*(exemplo emprestado de Godoi (1992))

Segundo a tabela, essas estruturas, em combinação com os verbos estado e os achievements que culminam em um ponto e os achievements que ocorrem em um ponto nem sempre proporcionam resultados aceitáveis. Vejamos:

a) Combinados com os verbos estado:

(4.2.66) *Maria está sabendo como se comportar/Maria tem sabido como se comportar*

(4.2.67) *Juan está amando María/Juan ha amado María/\*Juan está amando a María.*

b) Com os verbos achievement que culminam em um ponto:

(4.2.68) *O filhote está nascendo / \*O filhote tem nascido / Os filhotes têm nascido (reiterativo)*

(4.2.69) *María está adormecendo / María ha adormecido*

c) Quando combinados com os verbos achievement que ocorrem em um ponto:

(4.2.70) *O alarme está disparando / O alarme tem sido disparado(iterativo)*

(4.2.71) *Juan está detonando la dinamita / Juan ha detonado la dinamita.*

d) Segundo a tabela, combinações de accomplishments com as estruturas progressiva e de pretérito composto não são possíveis:

(4.2.72) *Estou correndo mil metros / Tenho corrido mil metros* (aceitável em uma leitura iterativa)

(4.2.73) *Juan está dibujando una figura / Juan ha dibujado una figura.*

Essas sentenças nos parecem perfeitamente aceitáveis.

Nesse ponto podemos retomar Scott. A única diferença, como ela bem observou, entre os tempos pretéritos do português e do espanhol é o fato de o Pretérito Perfeito composto do português não ser usado para descrever eventos pontuais, ao contrário do pretérito Perfecto Compuesto do espanhol. Como os accomplishments descrevem eventos pontuais, essa estrutura só é possível em espanhol denotando um evento único, enquanto que essa mesma estrutura em português sempre vai denotar eventos iterativos.

#### 4.2.6 O sétimo teste

Esse teste se refere à combinação dos verbos com expressões do tipo ‘deixar de’, e nos remete ao teste dois – combinações com a expressão ‘parar de’ – e a Dowty e Vendler novamente. Dowty utiliza um teste similar a esse, com a expressão ‘finish’. Segundo Dowty essa expressão tem diferentes acarretamentos de acordo

com ao classe aspectual do verbo. Funciona mal com os verbos estado, atividade e achievements. Somente funciona com os verbos accomplishment, exemplo :

(4.2.74) *John finished painting a picture.*

Na verdade esse é um teste ‘muito inglês’, que não se pode aplicar ao português.

Voltando à tabela, segundo o autor, essa expressão combina com os estados transitórios, ou seja, dá idéia de ação interrompida, mas não combina com os estados permanentes.

a) Estados permanentes e transitórios:

(4.2.75) *João deixou de ser fumante.* -> foi fumante, agora não é mais

(4.2.76) *María dejó de ser agradable* -> era agradável, agora não é mais.

(4.2.77) *\*O céu deixou de ser azul.*

(4.2.78) *\*El hombre dejó de ser humano.*

A não ser que entendamos os dois últimos exemplos não como estados transitórios, mas como proferidos em situações em que essas afirmações se tornem transitórias e não sejam mais consideradas como permanentes.

b) Quando essa expressão co-ocorre com achievements que culminam em um ponto implica em:

(4.2.79) *O filhote deixou de nascer* -> não nasceu

(4.2.80) *María dejó de adormecer* -> não adormeceu

c) Mas, com achievements que ocorrem em um ponto:

(4.2.81) *Deixei de explodir a mina.* -> eu explodia minas, mas agora já não realizo mais essa ação

(4.2.82) *El agua dejó de congelar.* -> em algum momento congelava, mas agora já não congela mais.

Aqui nos parece que há a idéia de ação interrompida, como a resultante da combinação com os estados transitórios, o resultado sugerido pelo autor para a combinação com accomplishments, seria:

(4.2.83) *Maria deixou de pintar o quadro* -> não completou o quadro

(4.2.84) *Dejó de crecer* -> a ação de crescer foi interrompida.

#### 4.2.7 O oitavo teste

A combinação dos verbos com a expressão 'às três horas' é o critério desse teste.

Esse critério já foi utilizado por Ilari(1996), que segue Declerck (1979) para diferenciar os processos pontuais dos processos não pontuais. Como exemplo de processos pontuais, cita:

(4.2.85) *A luz apagou-se*

(4.2.86) *Alcançou o topo do pau-de-sebo*

(4.2.87) *Assinou a carta.*

E como exemplo de não pontuais:

(4.2.88) *Amou Maria*

(4.2.89) *Acreditou em minhas palavras.*

Ilari observa que nos exemplos de verbos não pontuais, a utilização do adjunto resulta numa interpretação 'ingressiva', ou seja, '*começou a ...*'.

Segundo o autor da tabela, esses adjuntos não combinariam com os verbos estado. Mas, levando em conta o afirmado por Ilari, podemos aceitar a interpretação 'ingressiva' e, ainda assim nos restam alguns exemplos que fogem dessa leitura, mas que são perfeitamente aceitáveis, como:

(4.2.90) *João soube a resposta às três horas.*

(4.2.91) *María fue nombrada profesora a las tres de la tarde.*

Com os verbos achievements que culminam em um ponto, o autor nos diz que, se for um verbo que denota um evento que culmina em um ponto inicial, a sentença terá uma interpretação de início de evento:

(4.2.92) *O filhote nasceu às três da tarde.*

(4.2.93) *El bebé adormeció a las tres de la tarde.*

Se for um verbo que denota um evento que culmina em um ponto final, denotará o limite do evento:



(4.2.94) *Mário venceu a corrida às três da tarde.*

(4.2.95) *Juan paró de cantar a las tres de la tarde.*

Em combinação com os achievements que ocorrem em um ponto, resultam na interpretação de simultaneidade entre o início e o limite do evento:

(4.2.96) *O alarme disparou às três da tarde.*

(4.2.97) *Exploté la mina a las tres de la tarde.*

Com os accomplishments, essa expressão denota o limite do evento:

(4.2.98) *Alancei o topo da montanha às três da tarde.*

(4.2.99) *Encontró la llave a las tres de la tarde.*

Com os verbos atividade resulta na interpretação de início de evento, a interpretação 'ingressiva' de Ilari :

(4.2.100) *João correu às três da tarde.* ( começou a correr às três)

(4.2.101) *María cantó a las tres de la tarde.* (começou a cantar às três da tarde)

#### 4.2.8 O nono teste

Esse teste diz respeito à influencia da determinação do objeto, com relação ao tipo de verbo.

Segundo o autor da tabela, com verbos estado e achievements em que o evento ocorre em um ponto ou que culmina em um ponto, a determinação ou não do complemento não causa nenhuma influência:

a) Com os verbos estado:

(4.2.102) *Maria ama muitas pessoas. / Maria ama uma pessoa./ Maria ama o João.*

(4.2.103) *Juan sabe varias respuestas. / Juan sabe una respuesta./ Juan sabe la respuesta.*

b) Com os achievements que ocorrem em um ponto :

(4.2.104) *Disparei o alarme. /Disparei um alarme*

(4.2.105) *Juan explotó la mina. / Juan explotó una mina.*

c) Com os achievements que culminam em um ponto:

(4.2.106) *Maria venceu a partida de ténis. / Maria venceu uma partida de ténis.*

(4.2.107) *Juan congeló la bebida. / Juan congeló un trozo de queso.*

d) Com os accomplishments e atividades a determinação ou não do complemento direto influi na interpretação.

Antes de comentarmos essa colocação do autor, gostaríamos de retomar algumas reflexões, que já foram feitas por Godoi (1992) sobre essa questão.

Godoi, após fazer uma revisão das classes aspectuais baseadas nos testes de Vlender, propõe, baseada em Guenther, Hoepelman & Rohrer (1978), incluir o

conceito de mudança/não mudança da situação para definir as classes, o que leva a quatro possibilidades. A notação, já modificada por Godoi, é a seguinte:

Accomplishment :  $\Delta \phi \rightarrow \phi$ ,

i.e., o desenvolvimento gradual (indicado por  $\Delta \phi$ , onde  $\Delta$  é o operador de mudança) resulta em um estado ( $\phi$ )

Estado:  $\phi \rightarrow \phi$

Ou seja,  $\phi$  se mantém constantemente sobre um período de tempo.

Atividade:  $\Delta \phi \rightarrow \Delta \phi$

i.e., uma mudança em andamento permanece como uma mudança em andamento através do período de tempo em questão.

Achievement :  $\neg\phi \rightarrow \phi$ ,

O que seria uma mudança instantânea. Cf. Guenther, Hoepelman & Rohrer (1978):

Achievement verbs denote instantaneous events (p.16);  
 achievements are verbs denoting the sudden coming about the  
 state (p.22)

Godoi, com base em Declerck (1979), afirma que um SV do tipo *desenhar um círculo*, tido normalmente como accomplishment (segundo Dowty (1979)), é na verdade ambíguo, podendo tanto ser um accomplishment como uma atividade. Pois, como já vimos, a distinção entre accomplishments e atividades é a distinção

entre as expressões ‘limitadas’/téticas (bounded) e ‘ilimitadas’/atélicas (unbounded). Retomando os testes de Vendler e de Declerck, acrescenta os advérbios *numa hora* e *durante horas*, e mostra que o primeiro só é compatível com as sentenças limitadas, enquanto o segundo o é com as ilimitadas:

(4.2.108) *João tomou/tomava um copo de whisky – numa hora (limitada)*

(4.2.109) *João tomou/tomava whisky – durante horas (ilimitada)*

(4.2.110) *João desenhou/desenhava um círculo no chão – numa hora (limitada)*

(4.2.111) *As meninas desenharam/desenhavam um círculo no chão – durante horas (ilimitada)*

A conclusão de Godoi é de que a afirmação de Dowty de que SVs do tipo *desenhar um círculo* são SVs-accomplishments é falsa. A distinção limitado/ilimitado só pode ser aplicada a situações e não a SVs, e os SVs como *desenhar um círculo* podem ocorrer tanto em situações limitadas como nas ilimitadas.

Então, o que podemos dizer a respeito desse teste proposto por Bosque é que ele é inválido, pois, como vimos, o que diferencia uma atividade de um accomplishment não é a questão de o objeto ser ou não determinado, mas sim o fato de se referir a uma situação limitada ou ilimitada.

No capítulo “Aspecto Léxico”, que faz parte da gramática, organizada por Bosque & Demonte, publicada em 1999, Elena de Miguel tenta fazer uma descrição rigorosa da língua espanhola, do ponto de vista aspectual.

A autora define aspecto como um conjunto de informações relacionadas com a maneira como um evento se realiza, se desenvolve ou ocorre, também sobre a extensão temporal do evento, sobre qual a fase principal do evento descrito, e ainda

sobre a intensidade com que um evento acontece. A partir dessas informações, é possível caracterizar os eventos como: dinâmicos ou estáticos, delimitados ou não-delimitados, semelfactivos ou iterativos, permanentes, freqüentativos, intermitentes, durativos ou pontuais, ingressivos, progressivos ou terminativos, intensivos incrementativos e atenuativos, entre outras possibilidades.

Elena de Miguel se refere a três tipos de aspecto: o aspecto léxico, o aspecto flexivo e aspecto léxico-sintático.

O aspecto lexical é o que se conhece tradicionalmente pelo termo alemão *aktionsart*. Diz respeito à informação sobre o evento que proporcionam as unidades lexicais que atuam como predicados. Não só os verbos, mas qualquer unidade léxica que atue como predicado pode proporcionar informação do tipo aspectual: adjetivos como *inteligente* ou *madrileno*, nomes derivados, como os *-dor*, etc. O aspecto lexical do verbo pode ser modificado pela informação contida nos outros participantes do predicado e outros elementos como os modificadores adverbiais de tempo e lugar, a negação e a própria informação temporal-aspectual da forma em que a raiz do verbo apareça flexionada. Além disso, muitos verbos podem ser encaixados em mais de uma categoria, um problema comum quando se faz esse tipo de classificação.

O aspecto flexivo é a informação relativa à maneira como o evento acontece e é proporcionada pelos morfemas flexivos do verbo. De modo geral, os verbos, independentemente de seu aspecto léxico, aceitam flexionar-se em formas perfeitas e imperfeitas. O aspecto léxico-sintático, ao contrário do aspecto lexical e do aspecto flexivo, diz respeito ao contexto oracional, e é expresso por certas combinações de verbos e depende das marcas léxicas e funcionais e das características gramaticais dos elementos que participam do evento. O contexto sintático abarca e entrelaça

distintos fatores determinantes da aspectualidade global do predicado. Alguns desses fatores são: os complementos do verbo, os advérbios e locuções adverbiais, o sujeito da oração e os verbos modais. Enfim, o verbo tem uma informação léxica que se combina com a informação aspectual do SN que o complementa para proporcionar uma informação aspectual complexa, a do SV; esta informação se constitui ainda com a contida no SN sujeito (derivada do tipo de N que representa seu núcleo, da presença ou ausência de determinante, dos efeitos de pluralidade ou quantificação, etc.) para dar lugar a uma especificação aspectual que ainda vai ser complementada por outros elementos tais como: a flexão verbal, a presença de verbos modais ou auxiliares, a negação e modificadores adverbiais com valor temporal ou aspectual.

Depois de definir o que é aspecto, os tipos de aspecto e descrever minuciosamente o aspecto lexical (assumindo uma posição muito parecida à de Travaglia para o português), Elena de Miguel parte para testes para diferenciar os vários tipos de evento – as classes aspectuais.

A primeira classe aspectual definida por ela é a classe dos verbos-estado: um estado é um evento que não ocorre, mas que se dá, e de forma homogênea em cada momento do período de tempo ao largo do qual se estende, é incapacitado lexicalmente para expressar um câmbio ou progresso durante o período de tempo em que se dá, não pode dirigir-se a um limite nem alcançá-lo.

Um evento dinâmico, ao contrário, é um evento que ocorre efetivamente e que, enquanto ocorre, se transforma ou progride no tempo. Essa mudança pode ser percebida através de uma percepção direta do evento em seu desenvolvimento ou através da percepção indireta dos resultados do evento.

Um evento dinâmico pode ser delimitado ou não-delimitado. Evento delimitado será aquele que se concebe como um todo indivisível e evento não-delimitado aquele que não apresenta essa característica.. Na verdade, Elena de Miguel faz, ou melhor tenta fazer, uma classificação abrangente do que considera aspecto ou classe aspectual, mas acaba dizendo que é algo bastante complexo e decide se ater à classificação vendleriana com algumas modificações.

Expressões de atividade representam um evento dinâmico que ocorre em cada fase de sua extensão temporal, de forma que em qualquer momento que cesse haverá ocorrido.

Os achievements são verbos dinâmicos delimitados e de escassa duração, são aqueles que descrevem um evento que tem lugar em um instante temporal único e definido, sem fases. Elena de Miguel ainda faz uma distinção entre os achievements, diz que os verbos escassamente durativos com estrutura interna (com fases) são os que culminam em um ponto (*ferver, dormir*), e os verdadeiramente pontuais ocorrem em um ponto (*estremecer, marcar um gol*)

Os accomplishments são verbos dinâmicos, durativos e delimitados. entre se incluem os verbos de movimento que implicam uma mudança de lugar e mencionam isso de forma explícita (*viajar até/a, aproximar-se de, chegar/nadar até, etc.*), os verbos de objeto afetado ou efetuado (*construir uma casa, derrubar um edifício, escrever um livro, etc.*), os verbos de execução (*cantar uma ária, explicar um tema, recitar um poema, etc.*).

Como resumo orientativo, Elena de Miguel apresenta a tabela, já apresentada no corpo da dissertação (p.108), com o resumo do comportamento habitual das distintas classes de verbos com relação às provas mais conhecidas.

Com o teste 1, a autora discrimina os eventos que são dinâmicos dos que não o são, ou melhor separa os verbos estado dos demais.

O teste 2 se refere às fases do evento, separa por um lado os verbos estado e os achievements que ocorrem em um ponto e por outro os demais verbos.

Os testes 3 e 4 dizem respeito ao princípio ou término do evento.

O teste 5 discrimina se o evento tem ou não duração sem limite.

O teste 6 diz respeito ao fato de o evento ser ou não dinâmico e durativo, além disso discrimina se o evento ocorre em qualquer momento do intervalo, ou ao contrário, se não alcança seu final, não está efetivamente realizado.

O teste 7 indica se o evento pode cessar e se, quando cessa, está acabado.

O teste 8 distingue entre eventos com e sem limite, e entre eventos ingressivos e terminativos.

O último teste está relacionado com o limite do evento, no sentido de ter um limite e dirigir-se a ele ou não ter limite, e em consequência não dirigir-se a ele.

#### 4.3 Mais reflexões e modificações

Com relação ao que foi visto neste capítulo, podemos dizer que, se o estudo desenvolvido por Scott apresenta problemas, também representa um passo importante no sentido de ser uma das poucas tentativas de fazer uma aproximação entre as línguas portuguesa e espanhola do ponto de vista de tempo/aspecto. A tabela apresentada na gramática de Bosque também representa um avanço, pois não temos conhecimento de nenhum trabalho anterior, que, seguindo a linha composicional de Vendler e Dowty, aplicasse esses critérios à língua espanhola.



Gostaríamos de acrescentar que os valores aspectuais que são atribuídos às formas verbais dependem diretamente das classes aspectuais que essas formas representam. Principalmente com relação ao AP ( antepresente do espanhol) e ao PPC ( pretérito perfeito composto do português), que são as formas verbais que apresentam uma diferença de comportamento, faremos algumas observações:

a) O AP e o PPC apresentam valor aspectual durativo, quando o verbo principal (o participio) representa for um verbo estado:

(4.3.1) *He estado enfermo.*

(4.3.2) *tenho estado doente.*

b) Quando o verbo que aparece na perífrase AP for um verbo atividade, o valor aspectual será pontual, ou iterativo:

(4.3.3) *Los alumnos han estudiado..*

(4.3.4) *He hablado con mi madre.*

(4.3.5) *He caminado por la ciudad esta semana.*

(4.3.6) *He trabajado mucho este año.*

c) O PPC combinado com verbos atividade sempre terá valor iterativo, o que evidencia uma diferença entre ele e o AP, confira:

(4.3.7) *Tenho telefonado para meu irmão.*

(4.3.8) *Tenho visitado minha mãe.*

(4.3.9) *Tenho nadado na piscina olímpica.*

Podemos observar que, mesmo sem um adjunto quantificador, esses eventos permitem somente uma leitura iterativa, pois se a intenção é descrever um fato único, em língua portuguesa, sempre se utilizará o PPS (pretérito perfeito simples).

Por exemplo :

(4.3.10) *Visitei minha mãe.*

(4.3.11) *Telefonei para meu irmão.*

e) O PPC com achievements e accomplishments sempre proporcionará uma leitura de valor iterativo:

(4.3.12) *Tenho pintado quadros.*

(4.3.13) *Tenho pintado um quadro.*

(4.3.14) *João tem vencido muitas corridas.*

(4.3.15) *João tem vencido a corrida.*

Mesmo nos exemplos (4.3.13) e (4.3.15), em que o complemento é singular a leitura iterativa se mantém. Na frase '*Tenho pintado um quadro*', apesar de o complemento não se referir a vários quadros, se refere a várias ocasiões em que a ação de pintar se realizou. A frase '*João tem vencido a corrida*' certamente se refere, não a uma única corrida, mas a uma determinada corrida que se realiza periodicamente e que João vence a cada vez que ela se realiza.

Entretanto, o AP, nem sempre apresenta esses mesmos resultados. Vejamos:

(4.3.17) *He iniciado la/una dieta. - pontual*

(4.3.18) *He iniciado las/unas/muchas dietas.- iterativo*

(4.3.19) *He pintado el/un cuadro. - pontual*

(4.3.20) *He pintado los/unos/muchos cuadros. - iterativo*

(4.3.21) *Juan ha vencido la/una corrida. - pontual*

(4.3.22) *Juan ha vencido muchas corridas. - Iterativo*

Com base nesses exemplos se poderia dizer que tanto os accomplishments como os achievements em combinação com o AP proporcionariam resultados de valor pontual ou iterativo, dependendo da singularidade ou não de seus objetos. Mas se tivermos:

(4.3.23) *He encontrado la/una llave. pontual*

(4.3.24) *He encontrado las/unas/muchas llaves. Iterativo?*

(4.3.25) *Juan ha congelado el/un trozo de queso. pontual*

(4.3.26) *Juan ha congelado unos/algunos/muchos trozos de queso. Iterativo?*

Depois de todas essas considerações, voltemos à tabela de Scott. Acreditamos que a tabela de Scott tem muitos pontos positivos, mas gostaríamos de fazer algumas alterações e esclarecer alguns pontos.

As alterações que fizemos foram as seguintes: eliminamos o valor contínuo do PPC e do AP, o aspecto imperfectivo atribuído ao PPS, e os valores incoativo e terminativo do PPS e do P.

Eliminamos o valor contínuo porque acreditamos que ele se confunde com o valor durativo.

Também eliminamos o aspecto imperfectivo atribuído ao PPS porque, desde a nossa perspectiva, como já expusemos no início do capítulo, o PPS não representa em contexto algum esse aspecto, isto é, esse tempo verbal sempre corresponde a uma ação acabada.

Quanto aos valores incoativo e terminativo, os excluímos por considerá-los secundários. O fato é que os eventos que os denotam, antes do valor incoativo ou terminativo, representam sempre um evento pontual. Desta maneira, o quadro fica mais geral.

Após essas modificações, acrescentamos ao quadro de Scott as classes aspectuais, pois são elas que determinam os valores aspectuais. Confira o resultado:

## PORTUGUÊS

## ESPAÑHOL

Tempo	Aspecto	Valor	Classe aspectual	Tempo	Aspecto	Valor	Classe aspectual
<b>PPC</b>	Imperfec.	iterativo	Atividade Ach. Acc.	<b>AP</b>	Imperfec.	Iterativo	Ach. Acc. Atividade
		durativo	Estado			Durativo	Estado
						Pontual	Atividade Ach. Acc.
<b>PPS</b>	perfectivo	pontual	Todas as classes	<b>P</b>	perfectivo	Pontual	Todas as classes

Enfim, a discussão não se esgotou, é uma questão bastante complexa que merece ser tema de futuras pesquisas.

## Considerações Finais

Neste trabalho realizamos um estudo contrastivo entre as categorias de tempo e aspecto nas línguas portuguesa e espanhola. Levantamos e comparamos várias teorias e enfoques que fundamentaram as análises dessas categorias existentes nas duas línguas, que ao que nos consta, nunca foi feito antes.

Para tanto, no primeiro capítulo fizemos um breve histórico das teorias universais mais influentes sobre o assunto. Todas elas seguem a tradição aristotélica, trabalham com uma lógica de base, desenvolvem a 'decomposição lexical' e o cálculo aspectual.

No segundo capítulo nos ocupamos dos estudos sobre o tempo e aspecto em língua portuguesa. Percebemos que a gramática tradicional trata de maneira homogênea a flexão, o modo e o tempo verbal. Quanto aos lingüistas modernos, há um quadro bastante heterogêneo. Por um lado temos vários autores, como Travaglia (1985) e Mira Mateus et. Al (1983) que se baseiam na tradição eslava, são indutivistas, por outro temos autores que, como Ilari(1981), utilizam o esquema temporal de Reichenbach para tratar o aspecto.

No capítulo três, analisamos alguns trabalhos sobre o tempo e o aspecto desenvolvidos em língua espanhola, e percebemos que o panorama dos estudos realizados em língua espanhola também, como em língua portuguesa, é bastante variado. Há seguidores de Reichenbach, como Acero (1990) e Rojo(1990), mas há também autores como Silva Corvalán (1983) que atribui ao aspecto um significado pragmático, ou ainda Veiga Rodríguez (1992), que nega o aspecto como categoria funcional na língua.

No quarto capítulo analisamos um estudo realizado por Scott (1995), que faz um contraste do ponto de vista aspectual entre dois tempos pretéritos do espanhol e dois do português. Discordamos de várias colocações da autora, mas consideramos seu trabalho bastante interessante, por ser um dos únicos a fazer uma aproximação entre as duas línguas no que tange à categoria aspecto. Ainda nesse capítulo analisamos outro trabalho inovador que desenvolve a aplicação de testes (baseados em Dowty(1977)) para a determinação da classe aspectual dos verbos na língua espanhola. Partindo desses dois textos e com base nos demais estudos apresentados no desenvolvimento desta dissertação, procuramos fazer um contraste, principalmente, entre o *pretérito perfeito composto* do português e o *pretérito perfecto compuesto* do espanhol, e pudemos constatar que, do ponto de vista aspectual, esses dois tempos verbais apresentam algumas diferenças.

Assim, chegamos a modificar a tabela proposta por Scott para contrastar o aspecto nas duas línguas.

O assunto é complexo, não há tradição de se trabalhar dentro do paradigma da semântica do modelo teórico nas línguas românicas.

Outros trabalhos seguramente aparecerão.

## Referências Bibliográficas

- ACERO, J. J. 1990. Las ideas de Reichenbach acerca del tiempo verbal. In: Bosque, I. (ed.) Tiempo y aspecto en español. Cátedra, Madrid, pp. 45-75.
- ALARCOS LLORACH, E. 1994. Gramática de la lengua Española. Espasa Calpe. Madrid.
- ALONSO, A. & HENRÍQUEZ UREÑA, P. 1967. Gramática Castellana, 2º curso. Buenos Aires.
- ARISTÓTELES. 1984. Metaphysics. In: The complete works of Aristotle: The revised Oxford Translation II, 1552-1728, Princeton.
- BACH, E. e MATOS, G. 1972. Gramática construtural da língua portuguesa. São Paulo, FTD.
- BACHE, C. 1982. Aspect and Aktionsart: towards a semantic distinction. Journal of Linguistics, p. 57-72.
- BECHARA, E. 1989. Moderna gramática portuguesa. São Paulo, Ed. Nacional, pp. 225-229.

BENNETT, E. 1977. A Guide to Logic Tense and Aspect in English, Logic et Analyse 20, 517-571.

BENVENISTE, E. 1965. Le langage et l'expérience humaine. Problèmes du langage, p.3-13. Paris.

BELLO, A . 1847. Gramática de la lengua castellana. Buenos Aires, Sopena.

BONOMI, Andrea. 1997. Aspect, Quantification and When Clauses in Italian. Linguistics and Philosophy, 20, pp. 469-514.

BOSQUE, I. (ed.) 1990. Tiempo y aspecto en español, Cátedra, Madrid.

BOSQUE, I. & V. DEMONTE. 1999. Gramática Descriptiva de la Lengua Española. Espasa. Calpe

CARRASCO GUTIÉRREZ, A . y GARCÍA FERNÁNDEZ, L. 1996. Observaciones sobre la correlación de los tiempos en español. In: Bosque, I (ed.) El verbo español. Lingüística Iberoamericana, Madrid.

CARSON, G. 1979. Generics and atemporal When, Linguistics and Philosophy 3, 57-98.



CASTILHO, A. T. 1967. Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa. Alfa, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, 12, pp. 7-135.

COLOMBO, F.1991. Notas sobre aspectualidad. UNAN. México.

COMRIE, B. 1976. Aspect, Cambridge University Press. Cambridge.

COSERIU, E.1980. Aspect verbal ou aspects verbaux?. In David, J. & Martin, R. (ed.). La notion d'aspect. p. 13-25.

COSTA, S.B. 1990. O aspecto em português. São Paulo, Contexto.

CUNHA, Celso, Lindney Cintra. 1985. Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

DECLERCK, R. 1979. On the Progressive and Imperfective Paradox, Linguistic and Philosophy, 1, pp.45-77.

\_\_\_\_\_ 1986. From Reichenbach ( 1947 ) to Comrie ( 1985 ) and beyond. Toward a Theory of Tense, Língua, 70, pp. 305-364.

DOWTY, D.1977. toward a Semantic Analysis of verb-Aspect and English Imperfective Progressive. Linguistics and Philosophy, 1, pp. 45-77.

FREGE,G. 1972. Los fundamentos de la aritmética.. UNAM. México.

GILI GAYA, S. 1943. Curso superior de sintaxis española, Madrid, Bibliograf.

GODOY, E. 1992. Aspectos do aspecto. Tese de doutorado, UFPR, Curitiba.

\_\_\_\_\_1998. O aspecto no tempo : os valores semânticos dos tempos em espanhol. Manuscrito.

GUENTNER, F. Hoepelman,J. , Rohrer, C. 1978. A note on the passé simple. In: C. Rohrer(ed.), Papers on Tense, Aspect and Verb Classification. Tübingen, Nar, 11-36.

HATAV,G. 1989. Aspects, aktionsarten, and the Time Line. Linguistics 27, 129-146.

HERNÁNDEZ ALONSO,C.1984. Gramática funcional del español. Gredos. Madrid.

IKEDA, S. 1992. O pretérito imperfeito, DELTA, vol. 8, pp. 43-70.

KAMP. H. & REYLE, U. 1993. From discourse to Logic. Kluwer, Dordrecht.

KAMP,h. Y ROHRER,C.1983. Tense in texts.in R. Bauerle, Schwartz y A . von Stechow (eds.) Meaning, Use and the Interpretation of Language. Berlín.

ILARI, R. 1981. Alguns recursos gramaticais para a expressão do tempo em português, Estudos de filosofia e lingüística, São Paulo, EDUSP, pp. 181-193.

\_\_\_\_\_1985. As formas progressivas do português. Cadernos de Estudos Lingüísticos, no. 5, 27-60.

\_\_\_\_\_1996. Gramática do Português Falado. Campinas. Editora Unicamp.

\_\_\_\_\_1997. A expressão do tempo em português. São Paulo, Contexto.

KENNY, J. 1963. Action, Emotion and Will. London.

LOPE BLANCH, J. M. 1972. Sobre el uso del pretérito en el español de México. Studia Philologica, p. 373-386. México,

LUFT, Celso P. 1987. Moderna gramática brasileira. Rio de Janeiro, Globo.

LYONS, J. 1978. Semantics. Cambridge, University Press.

MATEUS, M. H. M. et al. 1983. Gramática da língua portuguesa, Almedina, Coimbra.

MORENO de ALBA, J. G. 1978. Valores de las formas verbales en el español de México. UNAM, México.

MOURELATOS,A.1981. EVENTS, Processes and states. In: Syntax and semantics, vol. 14. Tense and Aspect. Academic Press. New York.

OLIVEIRA, R. 1999. Do progressivo do Inglês ao progressivo do Português. Dissertação de Mestrado. UFPR, Curitiba.

PINKISTER,H.1983. Tempus, Aspect and Aktionsart in Latin. W. de Gruyter. Berlín.

QUILIS, A. ; GUTIÉRREZ, M. L. ; ESGUEVA, M. y RUIZ-VA, P. 1989. Lengua española, Curso de acceso, Editorial Centro de Estudios Ramón Areces, Madrid.

R.A.E. 1973. Esbozo de una nueva gramática de la lengua española. Espasa Calpe. Madrid.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. 1931, Gramática de la lengua española, nueva edición reformada, Espasa-Calpe, Madrid.

REICHENBACH, H. 1947. Elements of Symbolic Logic, Berkeley, CA, University of California Press.

ROCHA LIMA, C. H. 1984. Gramática normativa da língua portuguesa. Rio de Janeiro. José Olympio.

ROJO, G. 1990. Relaciones entre temporalidad y aspecto en el verbo español.In: Tiempo y aspecto en español,Bosque, I. (ed.) Cátedra, Madrid.

- ROJO, G. & VEIGA, A . 1999. El tiempo Verbal. Los Tiempos Simples. In: Bosque, I (ed.) Gramática Descriptiva de la Lengua Española. Espasa. Calpe.
- ROMAN, E. C. 1998. Revisitando a categoria aspecto na língua portuguesa. Tese de doutorado. UNESP, Araraquara.
- RUIZ, T. M. B. 1992. Aspecto : um estudo de sua expressão pelas flexões verbais. Dissertação de Mestrado, UFPR, Curitiba.
- SCOTT, D.L.P. 1995. Uma questão de aspecto. Trabalhos em Lingüística Aplicada. Campinas. UNICAMP/IEL.
- SECO, R. 1973. Manual de gramática española. Aguilar. Madrid.
- SILVA CORVALÁN, C. 1983. Tense and Aspect in Spanish Narrative . Language, 59
- SLAWOMIRSKI, J. 1983. La posición del aspecto en el sistema verbal español. Revista Española de Lingüística, p.91-119.
- SMITH, C. 1978. The Syntax and Interpretation of Temporal Expressions in English, Linguistics and Philosophy.
- \_\_\_\_\_ 1997. The Parameter of Aspect, Linguistics and Philosophy, 43.

TRAVAGLIA, L. C. 1985. O aspecto verbal no português ; a categoria e sua expressão, edição revisada, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

VARGAS-BARÓN.1968. Tiempos del indicativo. Hispania. Madrid.

VEIGA RODRÍGUEZ, A . 1992. La no independencia funcional del aspecto en el sistema verbal espanhol. Estudios, 57.

\_\_\_\_\_ . 1996. Subjuntivo, irrealidad y oposiciones temporales en español, El verbo español, Lingüística Iberoamericana, Madrid.

VENDLER, Z. 1967. Linguistics and Philosophy. Ithaca, New York, Cornell University Press.

VERKUYL, J. H. 1993. A Theory of Aspectuality ; The Interaction Between Temporal and Atemporal Structure, Cambridge studies in Linguistics, 64, New York.

WEINRICH,H. 1968. Estrutura y función de los tiempos en el lenguaje. Madrid.

